



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
“CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO”



XISTO TSERENHI’RU TSERENHIMI’RAMI

**RÓWAIHU’U’WA – É AQUELE QUE LÊ O MUNDO:
UMA PALAVRA USADA QUANDO SE DIZ EDUCAÇÃO XAVANTE**

XISTO TSERENHI'RU TSERENHIMI'RAMI

**RÓWAIHU'U'WA – É AQUELE QUE LÊ O MUNDO:
UMA PALAVRA USADA QUANDO SE DIZ EDUCAÇÃO XAVANTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECEI – da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, Câmpus Univ. Dep. Est. “Renê Barbour” – Barra do Bugres – MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.
Orientador: Prof. Dr. Carlos Edinei de Oliveira

XISTO TSERENHI'RU TSERENHIMI'RAMI

**RÓWAIHU'U'WA – É AQUELE QUE LÊ O MUNDO:
UMA PALAVRA USADA QUANDO SE DIZ EDUCAÇÃO XAVANTE**

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **CARLOS EDINEI DE OLIVEIRA**
Data: 13/11/2024 18:12:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Carlos Edinei de Oliveira
Orientador – Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

Documento assinado digitalmente
 **ISABEL TERESA CRISTINA TAUKANE**
Data: 09/11/2024 16:55:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Isabel Teresa Cristina Taukane
Banca Externa – Universidade Federal de Mato Grosso

Documento assinado digitalmente
 **CLAUDIA LANDIN NEGREIROS**
Data: 11/11/2024 15:13:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Cláudia Landin Negreiros
Banca Interna – Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

Documento assinado digitalmente
 **RAIMUNDO NONATO CUNHA DE FRANCA**
Data: 13/11/2024 18:03:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Raimundo Nonato Cunha de Franca
Suplente – Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

Barra do Bugres – MT
2024

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

Tserenhimi'râmi, Xisto Tserenhi'ru.

RÓWAIHU?U?WA ? É AQUELE QUE LÊ O MUNDO: UMA PALAVRA USADA
QUANDO SE DIZ EDUCAÇÃO XAVANTE / Xisto Tserenhi'ru

Tserenhimi'râmi. - Barra do Bugres, 2024.

0f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes
Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-
PPGECII - Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus
Universitário De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".

Orientador: Carlos Edinei de Oliveira.

1. Povo Xavante. 2. Educação Indígena Xavante. 3. Educação
Escolar Xavante. I. Oliveira, Carlos Edinei de. II. Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 371.13

Dedico em primeiro ao espírito Xavante desenvolvido na minha pessoa invocada a Deus, a minha mãe (*in memoriam*), ao meu pai que sempre acreditou em mim (*in memoriam*), ao meu irmão (*in memoriam*), a minha esposa que esteve ao meu lado na trajetória da minha formação acadêmica.

A minha família que tem esperança na minha pessoa. Também a minha comunidade da aldeia Nova Esperança, que deposita confiança e esperança no desenvolvimento da educação escolar indígena.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao governador saudoso Dante Martins de Oliveira (*in memoriam*) que teve iniciativa em desenvolver o mundo acadêmico para o indígena de Mato Grosso, promovendo a educação escolar indígena.

Agradeço aos parentes que lutaram nesta conquista importantíssima na formação de professores indígenas de Mato Grosso.

À Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em apoio logístico, desde o projeto Tucum até a formação superior.

Agradeço à Secretaria de Educação do Estado Mato Grosso, em especial à Coordenadoria de Educação Escolar Indígena, e também ao Conselho de Educação Escolar Indígena do Estado de Mato Grosso (CEI/MT).

Enfim, agradeço ao povo Xavante e em especial ao da minha aldeia Nova Esperança.

RESUMO

A educação escolar na aldeia é tratada como o futuro para a nova geração, visando a formação no sentido de transformar para lutar na melhoria da vida, do meio ambiente e fortalecimento, na defesa e preservação da cultura. A cultura é trabalhada com o Xavante, desde o seu nascimento, seu crescimento e seu desenvolvimento. Tem o acompanhamento intelectual dentro e fora da cultura Xavante, como a do mundo globalizado. As meninas têm o acompanhamento dos pais para que sejam bem-educadas, dentro e fora da escola. É necessário o trabalho em conjunto da comunidade da aldeia e da comunidade escolar para que cresçam com os pés no chão. Para tanto, é necessário que as duas pedagogias, a pedagogia da educação indígena e da educação escolar indígena, possam andar de mãos dadas, para que sejam aplicadas dentro do currículo da educação escolar indígena. Para tanto, é necessário que seja construído um modelo de Projeto Político-Pedagógico no formato que seja aplicado dentro da cultura do povo e da cultura da educação escolar, para que este seja trabalhado dentro do conhecimento do ancião e do conhecimento dos professores. O modelo adequado é construir o calendário específico baseado a partir dos eixos temáticos praticados na cultura, pois assim os professores e a comunidade podem construir suas metodologias de ensino, respeitando o calendário letivo institucional, bem como os materiais didáticos para os professores, tendo uma educação escolar indígena específica e diferenciada. A escola se torna de todos, da comunidade da aldeia, dos anciãos, dos caçadores. A escola terá a cultura indígena.

Palavras-Chave: Povo Xavante. Educação Indígena Xavante. Educação Escolar Xavante. Projeto Político-Pedagógico.

ABSTRACT

School education in the village is considered the future for the new generation, aiming at training them to transform themselves to fight for the improvement of life, the environment and the strengthening, defense and preservation of culture. Culture is worked with the Xavante, from their birth, growth and development. There is intellectual support within and outside the Xavante culture, as well as in the globalized world. The girls are supported by their parents so that they are well educated, both inside and outside of school. The village community and the school community must work together so that they grow up with their feet on the ground. To this end, it is necessary that the two pedagogies, the pedagogy of indigenous education and indigenous school education, can go hand in hand, so that they are applied within the indigenous school education curriculum. To this end, it is necessary to build a model of the Political Pedagogical Project in a format that is applied within the culture of the people and the culture of school education. This must be worked within the knowledge of the elders and the knowledge of the teachers. The appropriate model is to build a specific calendar based on the thematic axes practiced in the culture. In this way, teachers, together with the community, can build their teaching methodologies, respecting the institutional school calendar. From there, it will be easy to build teaching materials for teachers, providing a specific and differentiated indigenous school education. The school becomes for everyone, for the village community, the elders, the hunters. The school will have indigenous culture.

Keywords: Xavante People. Xavante Indigenous Education. Xavante School Education. Pedagogical Political Project.

RESUMO EM LÍNGUA XAVANTE

I UBUMRÕ

Dahoimana prédu manharidzéhã darób re, te ama date re rówa'õtõ dzara iótó té mã ama re hoimana dzara mõnõ da, ró te ama wapé dzara mono da, rób na, ró tsibtete dzara mono da, a'uwe hoimana dzéb da. A'uwe hoimana dzéhã tsimitsutu te a'uwe mado o dzara, a'uwe pótó dzara mõnõ hawi, te iré predub dzara . rówaihu u ré te iré prédub dzara, rówaihu u ré tedza hoimana dzara ró we imóriu hã. Ba'õnõhã te te rówaihu'u dzara tina me, tina me, rowena te rówaihu'u dzara mõnõ da, róbnhõré re duré rowib na. Róbhurihã iwe re ihoimana mõnõ dahã tsimitsitu, darob ãmã duré róbnhõré dzébhawi, tsiptete na re prédub dzara mõnõ da, tipara te re tsimidzutsi dará mõnõda. Tahadahã iwe Rówa'õno Róti Rówaihu'u dzéb nãhã a'uwe hoimana dzéb nãhã tedza re hoiman darób re dahoimana dzéb na róbnhõré dzé re. Robhuri tedza re hoimana rówaihu iprédu nhimi rówaihu u re duré dama róbnhõré nhimi rómado'o na. Duré ihoimana datsi boto wa'õnõhã a'uwe tena re ihoimana mõnõ datsi, róbnhõré dahoimana wa'õtõ dzarina re hoimana mõnõda dahoimana dzarina. Ane aihinihã dama rōbnhōré wanōri aihini mehã tedza te re manhãri dzara rówaihu'u dzé.te wadzéb tsina boto wa'õnõhã iruhã. ãne waptsi tedza tiwapu róbhuri tébré hã ai'uté mã dama róbnhõré waimã, danhiti róbnõré aimawi nãhã. Róbnhõré dzé tedza tihoiba aihinimã, darómã, iprédumã,aba'wa nórimã. Tedza tihoiba dahoiana dzémã.

Damreme-i ubumrõ: A'uwe. A'uwe te rówaihu'u dzé. Rówaihu'u dzé róbnhõrédze dzéb amã. Pówa'õnõ Rówapé Róbnhóréna.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Estudante Xisto no Projeto Tucum	16
Figura 2 – Estudante Xisto e amigos em atividades no Projeto Tucum	16
Figura 3 – Estudante Xisto e amigo na realização de atividades no Projeto Tucum	17
Figura 4 – 3º Grau Indígena	18
Figura 5 – Mesa de representação do Fórum Tsihorirã	46
Quadro 1 – Pinturas Corporais Xavante	41
Quadro 2 – Fases da vida Xavante	42
Quadro 3 – Participação do Fórum Fórum Tsihorirã	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1. HISTÓRIA XAVANTE	22
1.1 TERRA INDÍGENA SÃO MARCOS.....	23
2. A EDUCAÇÃO XAVANTE	25
2.1 AS FASES ETÁRIAS DA EDUCAÇÃO DO HOMEM XAVANTE.....	26
2.2 FUNÇÕES EXISTENTES DENTRO DA ORGANIZAÇÃO XAVANTE	28
2.3 POLÍTICA E DISPUTA ENTRE XAVANTE	30
2.4 AS PRINCIPAIS CERIMÔNIAS XAVANTES.....	31
2.5 CERIMÔNIAS RELIGIOSAS XAVANTES	31
2.6 ASPECTOS DA EDUCAÇÃO XAVANTE DO WAPTÊ (ADOLESCENTE).....	32
2.6.1 A furação de orelha (daporedzapu)	32
2.6.2 Corrida de tora de buriti (noni)	33
2.6.3 O casamento	34
2.6.4 O funeral – morte (a do).....	35
3. A ORGANIZAÇÃO SOCIAL E EDUCAÇÃO PÓS-CONTATO	37
4. O PESQUISADOR PROFESSOR E SUA VIDA XAVANTE	41
4.1 AS FASES DA VIDA XAVANTE	41
4.2 A VIDA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR E DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA....	42
4.3 A FORMAÇÃO POLÍTICA EM EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA XAVANTE	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS	50

O XAVANTE PROFESSOR E PESQUISADOR

Meu nome é Xisto Tserenhi'ru Tserenhimi'rami, filho de Tobias Tserenhimi'rami e da Catarina Tsinhotse enhimi rami ra. Sou casado com a Sheila Tsjinhötsé'ére'õ Juruna, filha do saudoso Deputado Federal Mario Juruna e da Maria Luiza Ró'ódzarina, todos *in memoriam*. Temos 11 filhos, sendo oito do sexo feminino e três do sexo masculino.

Minha esposa é a 7ª filha do casal. Durante a fase da minha juventude, namorei pouco, com algumas mocinhas, sem compromisso. Algumas queriam casar, mas sempre fugi, porque gosto de viver sozinho e com liberdade. Casei com a mais bonita da aldeia, segundo os críticos, e sempre achei ela bonita também, claro. Ela veio até a mim com intenção de fazermos compromisso, pois temos o direito cultural de casamento. Eu aceitei a intenção dela e junto fizemos pacto de enfrentar o mundo.

Segundo passo, ela foi contar aos familiares a respeito da decisão que tomamos, e aprovado pela nossa família, fomos para frente. Por causa da responsabilidade, fui me aperfeiçoando como o homem da casa e ela também, com a responsabilidade de cuidar dos problemas domésticos. Eu caçava, fazia pequenas plantações, pescava, vendia as pescarias aos parentes. Tinha fartura de subsistência.

Culturalmente praticava com afinco a corrida de tora de buriti, corria muito, caçava demais. Fazia as coisas no limite da força do meu corpo. Temos 11 filhos com orgulho, com amor, e todos os nossos filhos cresceram. E fico muito feliz com isso. Sempre me apoiou enquanto estive nessa caminhada de formação acadêmica. Hoje estamos realizados, temos 16 netos.

Perdi minha mãe no acidente de linha de energia elétrica e meu pai me deixou no mês de dezembro de 2023 com doença terminal. E assim a gente vai seguindo a vida. Eles sempre estiveram ao meu lado. Meu pai me aconselhava para seguir em frente e não olhar para o lado errado. Minha mãe me falava que eu nasci para aquilo que acho difícil, e tenho esse desafio de superar. Acho reflexível a colocação deles, pois é um desafio que vale a pena enfrentar. É com o ensinamento dos meus pais que vejo o mundo, o mundo que tenho o desafio de viver e mostrar à minha geração.

Eu era o responsável pelos meus irmãos, enquanto meus pais estavam no trabalho ou fora da aldeia. Tivemos que limpar o arroz no pilão, buscar a água no córrego, porque não tinha água como tem agora. Tivemos que catar lenha para fazer fogo, porque era muito raro falar de fogão e à tarde eu ia para a escola estudar.

Depois que entrei na casa dos adolescentes, fiquei mais para aprender a vida dos homens, como acordar no meio da noite para cantar na aldeia, catar timbó para ser usada na pescaria e na preparação de arco e flecha. Aprender a ouvir os mais velhos que iam lá para contar histórias de guerra, da caça, de relacionamento e de tudo que é necessário para a formação de um Xavante.

Na juventude, a gente fica mais solto para atingir a formação humana em comunidade, fica solto para exercer o que foi ensinado. Saber viver com respeito aos próximos, ser um bom Xavante para se conviver. Essas coisas que são necessárias para o saber viver. Buscar a força espiritual, corpo físico. Atingi tudo isso antes de pensar seriamente em um relacionamento amoroso. Aprendi a acordar cedinho, dormir tarde, e acordar, se for necessário no meio da noite. Também aprendi a suportar os elementos da natureza, a suportar a fome e a sede, coisas que não quero praticar na idade que tenho agora.

Sou um homem realizado, como Xavante e como professor, a custo do meu esforço e em razão da educação que os meus pais se esforçaram para que eu tivesse.

Numa caçada de queimada, fui em busca de caça, sempre atento, com meu cunhado. Os Xavantes fazem caça com queimada, realizam queimada em forma de círculo numa área determinada, assim cercando os animais ali dentro. Com isso matam alguns para o consumo. Então um caçador profissional matou cinco queixadas (porco do mato) e chamou alguns para dividir a caça. E nós fomos na chamada. Chegando lá, ele dividiu a caça com a gente. Como sou de outro clã, teve que dar mais caça para mim. Tive que ficar com três queixadas. Agora carregar três queixadas é um problema, porque é muito pesada, mas como estava no auge da minha força, tive que carregar assim mesmo, porque é garantia de fartura na alimentação com carne. Fui colocando um de cada vez e aumentava o peso cada vez que colocava. Mas consegui a dar os passos, mesmo com peso em cima, e cheguei ao destino, muito cansado. Foi gratificante e faria várias vezes se fosse preciso.

Também fomos em vistoria no limite da Terra Xavante de São Marcos, onde estivemos andando em três dias, direto. A gente descansava ao final do dia. Ao final do dia, deitava onde a gente parava. No primeiro dia da caminhada, pegamos três matrinxã, carregamos até onde paramos, fizemos refeição com mistura de peixes. Acordamos e continuamos até o final do dia. Andamos sem parar. Ali fizemos refeição e dormimos. No terceiro dia de manhã, conseguimos matar três catetos, abrimos e dividimos para facilitar o peso. Chegamos a um ponto para descansar no varjão. No dia seguinte, pegamos a caminhada até o local combinado de retorno. Aprendi muito a respeito da minha cultura e na prática fui me aperfeiçoando.

Senti a discriminação na pele. As demandas são grandes quando se fala da educação escolar nas aldeias. Elas são grandes e tenho que tentar atender às demandas, apesar de muitas não serem atendidas. E fica difícil o diálogo. Vi isso com tanta tristeza que tive que me contentar para dar tempo ao tempo da compreensão. Mesmo com a compreensão antropológica, não sabemos como avançar e nem tivemos oportunidade de discutir com o sistema tradicional, mas estamos avançados para discutir a educação escolar indígena Xavante com diálogo.

Somos marginalizados por termos outra compreensão de educação e de atividades pedagógicas da educação, onde exige a atuação da minha pessoa como profissional, o que desperta a exigência de me aperfeiçoar mais enquanto professor indígena, para lidar com o oposto. No atendimento tudo é novo para lidar com a questão indígena e tudo isso sempre é difícil discutir. Quando for discutir, sempre fomos ao encontro da dificuldade.

Fui o principal responsável pela criação da Escola Estadual Indígena Hambe, na aldeia Nova Esperança, Terra Indígena de São Marcos, município de Barra do Garças-MT. Fui diretor dessa escola, coordenador e professor.

Também implantamos Fórum Tsihorirã, fórum de discussão de educação escolar indígena Xavante. Sou membro efetivo do Território Etnoeducacional a'uwe Uptabi, O TEE A'UWE UPTABI é um colegiado no qual se reúnem para discutir a educação escolar indígena. Lá são discutidas a educação em formação, a produção de material didáticos, a formação de professores em exercício. O colegiado é composto por instituições que envolvem a educação escolar Xavante, seja ela municipal, estadual e ou federal.

Também fui vice-presidente da Organização de Professores Indígenas no Estado de Mato Grosso (OPRIMT) e membro do Conselho de Educação Escolar Indígena no Estado de Mato Grosso.

Os meus filhos e filhas são: Michele Redzaniwe (primogênita), casada com Leó Batista, meu genro. Eles têm um casal de filhos: Cesar Cenerino Tsôpetepirewe e Maria Rowena. Melaine Wa'utômôtsirã, a segunda filha, é mãe solteira e tem uma filha. Jéssica Pewe'ô, a 3ª filha, é casada com Gian, meu genro, e eles têm quatro filhos: Xisto, Flavio, Jacinta e Rafael. Yasmim Pewarã, 4ª filha, casada com Edmilson, meu genro, tem três filhos: Maldonado, Silviane e Erick. Dalize Tsanidza, a 5ª filha, é casada com Marco Charles, meu genro, e tem dois filhos: Jesus Dias e Graciele. Maria das Graças Remitsi, 6ª filha, Tevez Tserebu'rã, 7ª filha, Lissandra Petsiwapé, 8ª filha, Ronaldo Tserewa 'uptsa'awe, 9º filho, Sócrate Tserenhitó, 10º filho e Maria Luisa Ró'ówe'ó, a 11ª filha.

Nasci na aldeia São Marcos no dia 25 de dezembro de 1970, segundo o relato dos meus pais, quando povo Xavante estava em comemoração ao dia do nascimento do menino Jesus. Mas na certidão de nascimento está registrado dia 23 de dezembro de 1970.

Somos oito irmãos, sendo Paulo (*in memoriam*), eu Xisto Tserenhi ru, Jaime Tsuwapté, Ismael Tserenhorã, Leomir Tsere'ômôwi, Solange Ró'ódzahoro (*in memoriam*), Bruno Tserebutuwe e João Tobias Wahone. Ainda temos irmãos adotados pelos meus pais, Samuel, Joana e Cesaria.

Meu pai, Tobias Tserenhimi'rami (*in memoriam*) e minha mãe Catarina (*in memoriam*). Meu pai nascido na região de Canarana, especificamente na região de Pimentel Barbosa. Ele nasceu conhecido como Tsereburã, o qual ele deu ao meu filho este nome em sua homenagem.

Vivíamos na aldeia São Marcos até o ano de 1979, mas depois nos mudamos para a aldeia Namunkurá, onde cresci até atingir 28 anos, exatamente até o ano de 1998. Depois me mudei para a aldeia Barreirinho, um lugar que o meu sogro garantiu para as filhas dele.

Até os anos de 1979 fiquei na aldeia São Marcos, onde minha irmã morreu afogada, desaparecida no meio dos demais. Meu pai decidiu fazer mudança por causa disso, também deixando meus amigos. Minha irmã era querida pelas irmãs salesianas, por ser educada e dedicada. O nome dela era Rosangela Pehutu'õ. Lembro dela como se fosse presente.

Os meus amigos de infância deixados pela mudança, ainda chamamos dos apelidos adquiridos da infância. E quem ouvia a gente, ria, percebendo que aquele apelido era somente entre nós mesmos. E a gente usa ainda como se fosse de criança. Uma forma de voltar no tempo. A gente brincava de faroeste, de índio com branco, pintamos de índio, a gente fazia arco e flecha e arma de fogo. Ali ninguém morria, todo mundo se desviava da flecha e das balas. Também tínhamos mulheres e filhos, tudo encenação. Nessa fase, também a gente ia participando com a nossa turma da comunidade. Ou seja, com a turma da mesma faixa etária. A gente foi crescendo e cada um foi tomando caminho.

Fui alfabetizado entre os trabalhos de alfabetização missionária e monitores Xavante, entre a aldeia São Marcos e a aldeia Namunkurá, completado na cidade de Brasília. Em Brasília, fiquei seis meses, retornando por dificuldade financeira. Fiquei entre janeiro e julho.

Fiz redação na primeira vez sobre um periquito, intitulado de Periquito Mentiroso. Apreendi a ler e gosto de ler. Lia quase todos os dias. Produzia texto propriamente. Fui estudar em Aragarças, Goiás, Anápolis. Depois completei meu estudo por meio do projeto de formação de professores indígenas – Projeto Tucum, e em seguida no projeto de formação de professores indígena no 3º Grau Indígena. Também tenho especialização e agora estou cursando o mestrado.

Comecei minha carreira de professor na aldeia Namunkurá. Como professor leigo, professor cursista, professor formado em nível de magistério e depois de nível superior. Tenho duas cadeiras, uma da prefeitura de Barra do Garças e outra do Estado de Mato Grosso. Lecionei na escola municipal da aldeia Namunkurá, de extensão na aldeia Barreirinho, na aldeia Nova Esperança. Também fui trabalhar em Cuiabá, na Secretaria de Estado de Educação (Seduc-MT), como Assessor Técnico Pedagógico e atualmente atuo como Articulador de Assunto Indígena, na Prefeitura de Barra do Garças.

Sou membro do Conselho de Educação Escolar Indígena do Estado de Mato Grosso. Fui candidato a vereador em Barra do Garças e tive 159 votos no ano de 2020.

Figura 1 – Estudante Xisto no Projeto Tucum



Fonte: Acervo Bruno Uhona Amõiwe Tsuptó (2024).

Figura 2 – Estudante Xisto e amigos em atividades no Projeto Tucum



Fonte: Acervo Bruno Uhona Amõiwe Tsuptó (2024).

Figura 3 – Estudante Xisto e amigo na realização de atividades no Projeto Tucum



Fonte: Acervo Bruno Uhona Amõiwe Tsuptó (2024).

A passagem no Projeto Tucum foi fundamental para a minha formação como professor intercultural. Ali discutimos como se organiza um Projeto Político-Pedagógico (PPP). Também da importância de sequência da aplicabilidade pedagógica, sabendo que a realidade dos educandos é diferente dos materiais pedagógicos recebidos do MEC. Fizemos interação de conhecimentos entre os Xavantes, de diversas regiões existentes no Mato Grosso. Aprendi muito sobre a atuação de um professor, como Xavante, para lidar com as crianças. Fizemos dramatização a partir de livros de literatura. Mas também teve torneio organizado, passeios nas aldeias, interação com as escolas da cidade. Realizamos corrida de tora de buriti durante o curso. Participamos do primeiro Referencial Curricular Nacional de Educação Escolar Indígena (RCNEI) do Ministério da Educação.

Com todo o entusiasmo relato aqui a participação nesta turma maravilhosa da primeira turma do 3º Grau Indígena. Nesta passagem, foi muito interessante a questão da diversidade entre os povos indígenas envolvidos na primeira turma. Tivemos indígena de todo o Brasil, indígenas nordestinos, principalmente aqueles que tiveram contato bem na chegada dos portugueses. Com esse contato, eles tiveram grande perda da fisionomia indígena. O choque é quando os indígenas, que não têm muito contato com os não indígenas, estranham a fisionomia dos parentes de outros estados, que não têm uma fisionomia como a maioria dos indígenas de Mato Grosso. Lembro que essa discussão virou seminário sobre a forma de identidade indígena.

Figura 4 – 3º Grau Indígena



Fonte: Acervo do autor (2024).

Na especialização, fiz meu trabalho sobre a Escola Estadual Indígena Hambe, na qual eu trabalho e tem necessidade de uma nova visão antropológica e pedagógica. Agora estou finalizando o curso de mestrado no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

INTRODUÇÃO

RÓWAIHU'U'WA – É AQUELE LE O MUNDO, é uma palavra usada quando se diz educação.

RÓ-lugar, mundo, pode ser físico ou imaginário.

Waihu- conhecimento do lugar ou tema discutido, saber.

Wa- aquele que conhece o lugar.

Nós tratamos a educação com delicadeza, porque é dali que sai um Xavante em destaque. Um Xavante bom de caça, um xavante bom de correr, um Xavante bom de se relacionar com qualquer pessoa, um Xavante que respeita os próximos. Enquanto a mantenedora de educação escolar, as Secretarias de Educação, trabalham com Alfabetização, Compreensão de Texto, Matemática, História, Geografia, Ciências e outras disciplinas.

Um Xavante contemporâneo não tem preocupação com a educação tradicional, pois, atualmente, eles querem aprender o mundo tecnológico dos não índios, um mundo conectado, um mundo globalizado.

A nova geração não lê o mundo conforme o jeito tradicional da cultura, mas quer viver o mundo além da sua aldeia. Até os anos 90, o Xavante lia o mundo, mas se perdeu nos meios dos anos 90 ao ano de 2000, devido à expansão da política da colonização das instituições atuantes nas aldeias, de uma maneira ou de outra, dando o lugar a individualismos, brigas de poder sem conhecimento da causa em defesa da comunidade tradicional. Assim, deu suporte aos aventureiros de plantão, como do setor político e do capitalismo.

A escolarização foi se expandindo perigosamente, provocando a submissão ao conhecimento empírico do mundo ocidental, dizimando o conhecimento tradicional das lideranças tradicionais. Também foi crucial nas mudanças de hábitos, na comida, vestuário e nos comportamentos.

A cultura permanece forte, devido ao ritmo de passagem das fases etárias das classes de idades das gerações às gerações. Todo mundo tem necessidade de passar no processo natural para pertencer a um grupo, mesmo com as mudanças provocadas pela chegada das práticas da cultura ocidental.

Então, compreendo que há a controvérsia de aplicabilidade da pedagogia de dois sistemas: sistema de educação escolar e da educação Xavante.

Nesse sentido, temos como objetivo esclarecer às novas gerações de professores Xavante o que é educação escolar e educação Xavante.

É preciso que os jovens entendam que ambas são distintas nos seus objetivos. A educação escolar trabalha com o objetivo de escolarização, ou seja, imposição, colocando à frente o mudo imaginário, de riqueza, de letramento, de individualismo do mundo ocidental. A educação Xavante trabalha com o anseio de formar humanamente as suas gerações, deixando que aprendam observando de acordo com seus próprios ritmos de aprendizagem. As pedagogias Xavante de transmissão são comunitárias, com avaliação.

O povo Xavante sofre consequências de contato maciço, resultante do contato colonizador ocidental, ou seja, as coisas e práticas ocidentais estão entrando bem rápido na rotina das comunidades. Isso está quebrando o ritmo natural de aprendizagem. Mesmo que existam professores Xavante, eles estão recebendo os materiais pedagógicos prontos dos sistemas oficiais de ensino e de educação escolar. Considero estes mesmos materiais inúteis, totalmente fora de pedagogia tradicional aplicada na rotina Xavante.

A transmissão natural de aprendizagem está sendo mais usada nas cerimônias culturais, na maioria das vezes, com toda a comunidade. A educação escolar é somente com os professores e a equipe do Estado, os quais obrigam as responsabilidades dos professores Xavante a fazerem coisas para cumprir regras das secretarias, sem, na maioria das vezes, a participação da comunidade.

Devemos deixar isso assim? Ou vamos discutir? Precisamos discutir e deixar bem claro para ambos os lados que educação queremos. Educação imposta? Ou educação tradicional do povo? Cabe a reflexão de todos os envolvidos.

A pesquisa aqui exposta é fruto de luta que levo a respeito da educação escolar indígena Xavante, em específico na comunidade da aldeia Nova Esperança, terra indígena de São Marcos, município de Barra do Garças – MT.

O trabalho foi desenvolvido na aldeia Nova Esperança, na Escola Estadual Indígena Hambe. É necessário entender que o tratamento dado à educação para os indígenas em Mato Grosso é diferente do tratamento dado à educação para os não indígenas, em específico, pelos técnicos da assessoria e das secretarias de educação.

Resolvi fazer esta pesquisa na tentativa de descobrir o ponto de pergunta a respeito do avanço dos trabalhos pedagógicos na alfabetização das crianças Xavante, comunidade da aldeia Nova Esperança, para esclarecer a atuação dos professores e formadores na cultura A'uwe Uptabi da Terra Indígena de São Marcos, município de Barra do Garças.

Um professor Xavante vem realizando as suas atividades com as crianças, de acordo com as matérias pedagógicas recebidas do MEC. Sendo assim, vejo que o trabalho de alfabetização vem sendo ao contrário de aprendizagem natural das crianças Xavante.

É necessário dizer que a educação escolar tem que trabalhar com a educação indígena na plenitude de aprendizagem cultural e na forma do cotidiano. A pesquisa vem ao encontro do discutido e pode servir para o debate.

Esta pesquisa é realizada em forma de acompanhamento dos professores em suas atividades, nas entrevistas com os alunos, com professores, pais, comunidade da aldeia e comunidade escolar. Sintetizar perguntas relevantes relacionadas à pesquisa, porque é importante também fazer perguntas à Secretaria Municipal de Educação de Barra do Garças, à Secretaria de Educação do Estado de Educação (SEDUC-MT) e a toda a comunidade.

Essa pesquisa é resultado da coleta de informações realizada naturalmente entre os membros da comunidade e propriamente pela experiência vivida como Xavante, além da análise dos projetos político-pedagógicos das escolas indígenas estaduais e municipais do município de Barra do Garças – MT.

1. HISTÓRIA XAVANTE

Segundo histórico da narrativa dos anciãos Xavante, viemos da margem de um litoral, ninguém sabe a exata localização, mas dizem que havia muitos indígenas quando cada um pegou seu rumo.

Segundo relato do cacique Aniceto Tsudzawere, houve perseguição aos Xavantes, que durante a fuga sempre usavam dois guerreiros, que tinham poderes sobrenaturais, estalo de unhas para disparar, poder atingir. E, nessa perseguição, um dos protetores foi capturado e preso dentro de uma gaiola construída por raptos. Enquanto ele esteve preso, ficou observando guerra entre os brancos. Brancos que estava no mar e brancos que estavam na beira do mar. Os que estavam na beira do mar, estavam perdendo a guerra. E neste momento um dos raptos observava o Xavante, que naquele momento estava ajuntando os gravetos e construindo alguma coisa. Então ele começou a discutir, para soltar o Xavante, o que negaram para ele. Com a insistência, conseguiu convencer seus companheiros.

Quando soltaram, o Xavante começou a usar o que estava construindo dentro da gaiola, que com isso foi soltando raios de trovão nos inimigos que estavam dentro do navio. Assim venceram a guerra. Na fuga, o Xavante invocou a chuva para encobrir os rastros dos demais.

Mais para o Centro-Oeste, os líderes Xavante reuniram-se no centro para decidirem o destino do povo, assim os líderes decidiram para que tomassem o rumo com seus comandados. Desenharam círculo e assim decidiram a sua divisão. Cada um por opção própria seguiram a quem quiseram seguir. Não se sabe o povo que viraram.

Temos vestígios no Carretão de Goiás, com o povo Xacriabá, talvez com o povo Gavião e outros. Vivíamos numa aldeia chamada Tsorepré.

Houve um personagem no Carretão que se chamava Tseredzaduté, este se fantasiava de branco para ouvir os brancos. Quando descobria tudo, informava aos parentes os planos.

Nessa passagem, os brancos empregaram as indígenas na finalidade de ensinar os trabalhos domésticos, mas com isso eles abusavam delas, estupravam nos trabalhos. Na fuga do Carretão, elas preferiram ficar com os brancos. Elas negaram-se a fugir com os maridos.

Os Xavante estão localizadas em 14 municípios, sendo os municípios de Barra do Garças, General Carneiro, Novo São Joaquim, Poxóreu, Paranatinga, Santo Antônio do Leste, Campinápolis, Nova Nazaré, Água Boa, Ribeirão Cascalheira, Canarana, Bom Jesus do Araguaia, Alto da Boa Vista, São Felix do Araguaia.

Os Xavante estão em nove Terras Indígenas, sendo: Mãraiwatsédé, Pimentel Barbosa, Areões, São Marcos, Sangradouro, Volta Grande, Marechal Rondon, Parabubu e Ubawawe. Somam uma população de cerca de quase 22 mil indígenas, ocupando todo seu território.

Pertencem ao tronco linguístico Macro-jê, da família Jê. O povo Xavante fala a própria língua, a língua Xavante em seu cotidiano, dentro da sua cultura.

1.1 TERRA INDÍGENA SÃO MARCOS

A Terra Indígena de São Marcos é formada por 188.000 hectares, com 42 aldeias atualmente. Contém cinco aldeias mães: aldeia São Marcos, aldeia Nossa Senhora de Guadalupe, aldeia Nossa Senhora de Fátima, aldeia Nossa Senhora da Guia e Namunkurá.

a) Aldeia São Marcos é composta por:

1. Aldeia São Marcos, cacique Robson.
2. Aldeia Sagrada Família, cacique Jorge.
3. Aldeia Vila Maria, cacique Euzebio.
4. Aldeia Imaculada Conceição, cacique Agnelo.
5. Aldeia João Paulo VI, cacique Domicio.
6. Aldeia Santa Mãe de Deus, cacique Clodoaldo.
7. Aldeia São Lucas, cacique Valerio.
8. Aldeia Cristo Redentor, cacique Nazario.
9. Aldeia Salvador, cacique Julio.
10. Aldeia José e Maria cacique Jaderson.

b) Nossa Senhora de Guadalupe:

1. Aldeia Nossa Senhora de Guadalupe, cacique Davi.
2. Aldeia Jesus de Nazaré, cacique Ismael.
3. Aldeia Nova Esperança, cacique Cosme.
4. Aldeia Nossa Senhora das Graças, cacique Joel.
5. Aldeia Juan Diego, cacique Hugo.
6. Aldeia São Francisco, cacique Edmundo.
7. Aldeia Cruz Alta, cacique Lourenço.
8. Aldeia Obra de Maria, cacique Mariano.

c) Nossa senhora de Fatima:

1. Aldeia Nossa Senhora de Fatima, cacique Lourenço.
2. Aldeia Cristo Rei, cacique Fidelis.
3. Aldeia Dom Romero, cacique Clemente.
4. Aldeia Novo Diamantino, cacique Matias.
5. Aldeia Raimundo Hambe, cacique Clemente.
6. Aldeia Jardim das Oliveiras, cacique Vitor.
7. Aldeia São Cristóvão, cacique Salvador.

d) Nossa Senhora da Guia:

1. Aldeia Nossa Senhora da Guia.
2. Aldeia Nova Jerusalém, cacique Gilberto.
3. Nossa Senhora Aparecida, cacique Gutemberg.
4. Rainha da Paz.
5. Aldeia São José.
6. Aldeia Sagrada Coração de Jesus, cacique Jonas.
7. Aldeia Novo Nossa Senhora Aparecida, cacique Divino.
8. Aldeia Maria Nossa Mãe.

e) Namunkura:

1. Aldeia Namunkurá, cacique Pio.
2. Aldeia São Luiz, cacique Lucio .
3. Aldeia Evangélica de Deus, cacique José Luiz.
4. Aldeia Paranoá, cacique Primo.
5. Aldeia Corpo de Cristo, cacique Bernando.
6. Aldeia São Brás, cacique Raimundo.
7. Aldeia Nossa Senhora Auxiliadora, cacique Clemente.
8. Santíssima Trindade, cacique Justo.
9. Nossa Senhora Das Dores, cacique Marcelo.

2. A EDUCAÇÃO XAVANTE

Sabe-se que a educação tradicional Xavante é regida pelo ritual de passagem dos adolescentes para a fase em liberdade na comunidade e da fase de ritual religiosa. Essas fases são realizadas nas aldeias mães na TI São Marcos. A aldeia mãe é uma aldeia onde são realizadas cerimônias culturais, como rituais de passagens dos adolescentes, rituais religiosos. Elas são referências em todo o território Xavante, pois as aldeias pequenas se juntam nessas aldeias mães para participar dos rituais e todas as famílias se deslocam com a finalidade de participar.

As aldeias são: Aldeia Nossa Senhora de Fatima, Aldeia Nossa Senhora de Guadalupe, Aldeia São Marcos, Aldeia Nossa Senhora da Guia e Aldeia Namunkurá.

Existem dois clãs principais: Owawe e Poredza'õnõ, os quais podem realizar matrimônio. É uma base de organização familiar, como também referência em quase tudo. Também as faixas etárias existentes são: 1-Hotorã; 2-Tirowa; 3-Etepa; 4-Abare'u; 5-Nodzo; 6-Anarowa; 7-Tsadaró; 8- Airere.

Na disputa cultural, os números ímpares se unem para disputar com os números pares. Na corrida de Tora de Buriti, ambas as partes se unem para somar forças e ganhar a competição.

Na disputa da Tora de Buriti, devem sempre estar disputando com irmão ou com primo, nunca com outro clã. Mas ao longo da corrida, qualquer um pode carregar a tora, desde que seja a tora de seus grupos e aliados.

O regime Xavante é patrilinear, todos gerados por um indivíduo que tem a obrigação de seguir a linhagem do pai.

Um exemplo: o Tsowadze gerou seis filhos, sendo três mulheres e três homens, este do clã Owawe. Da mesma maneira, o Tsai ã gerou seis filhos, sendo três filhos e três filhas, este do clã Poredza õnõ. Estes podem casar. Nunca deve existir casamento entre o mesmo clã.

Os filhos de Tsowadze OWawe

Tsai ã POREDZA ÕNÕ

1. Redzu	1. Tsere
2. Tsinhõ	2. Pari
3. Reni	3. Wadzu
4. Tsere hi	4. Wa utó
5. Banira	5. Wató
6. Tsinhõtsé	6. Wedi

Somente estes clãs podem casar entre si. Se não combinar com estes, podem casar com membro da outra família do clã oposto.

Da mesma maneira, os filhos seguem a linhagem do pai, de geração em geração. Todas as pinturas são herdadas do pai e também as posições existentes. Um Xavante denominado de Pahori wa herdará a sua geração a ser Pahori wa. As posições existentes são: Pahori wa, Tébé, Aiho ununi, Wa rã, Wamari dzubtede wa, Wahubtede wa, entre outros.

Desde criança, somos acompanhados pelos nossos pais na educação. Os nossos pais fazem dieta durante a gestação da nossa mãe, não se come alguns alimentos da natureza, para que a gente nasça com saúde.

Um Xavante com futuro demonstra desde o seu nascimento, com o reconhecimento no olhar e comportamento, assim o pai se prepara para educar de acordo com seu comportamento. Desde criança, somos preparados para ser envolvidos na cosmologia Xavante. A criança toma um chá específico para se tornar grande guerreiro Xavante. Começa a tomar chá de bravura, pó de coragem, para a luta de ói ó, também para corrida de velocidade, de força, de caça.

2.1 AS FASES ETÁRIAS DA EDUCAÇÃO DO HOMEM XAVANTE

a. Pré-nascimento

Na fase denominada pré-nascimento, os nossos pais se dedicam para que a gente nasça com saúde, isso quer dizer que se toma cuidado com os alimentos para que não toquem nos animais que prejudiquem o nascimento. Seguindo as normas naturais da cultura relacionadas à criança, que nasce sadia e forte.

b. Nascimento

Quando nasce a criança, os pais seguem com sua dieta relacionada aos cuidados da criança, para que não caia nenhum espírito de maldade nele. Devem tomar certos cuidados, porque ele necessita de cuidado espiritual.

c. Engatinhando

A família toda fica envolvida em seu crescimento, quando começa a engatinhar, pois a criança precisa de autoconfiança para viver o mundo que o cerca. Toda família quer o primeiro dia de pé e o primeiro andar.

d. Andando

Nesta fase, começa mesmo a participação fora do ambiente familiar, o movimento da criança. Ele(a) deve participar no meio da comunidade nas realizações das cerimônias, como da dança cultural, briga de meninos. Começa o ensaio da dança e do canto.

e. Pré-adolescente

Os pais o preparam para a entrada na fase de adolescência, que isto quer dizer que ele vai ter que entrar na casa dos adolescentes obrigatoriamente. No HO.

f. Adolescência

Na adolescência, começa sendo acompanhado pelos padrinhos e de alguns anciões que às vezes comparecem no HO para contarem suas histórias de caça e de guerra. Para o adolescente, são realizados cantos e danças nas casas à meia-noite, anoitecendo e quando houver a escolhas dos líderes do grupo, como o Aiho ubuni e do Pahori'wa. Sem esquecer que também ocorre a furação das orelhas na véspera da corrida de encerramento do ritual de passagem.

g. Juventude

Na juventude, são livres para praticar o que aprenderam durante a sua passagem na casa dos adolescentes. A fase da juventude é a volta à casa dos pais e assim que conseguir namorar podem morar na casa da noiva e construir a família. Ele pode ficar sem namoro e viver a solteirice até aparecer uma moça. Também são grupo de oposição de outro grupo que está no HO. Assim que souberem que um adolescente está namorando, eles imediatamente expulsam da casa dos adolescentes.

h. Padrinho

A função de um padrinho é educar os adolescentes durante a sua permanência no HO. Ele sempre vai à casa dos adolescentes para vigiar, aconselhar e levar a caçada ou pescaria. Sempre tem que estar atento para que nenhum deles seja expulso da casa. Se isso acontecer,

este será considerado como imoral e mal-educado perante os olhos do povo. Para que isso não aconteça, os padrinhos ficam atentos a tudo. O adolescente é proibido de namorar.

i. Pré-ancião

Depois de ser padrinho, vem a entrada da fase ancião, ou seja, começa a participar da fase de ancião. Sem muita participação, ele começa a discutir os problemas políticos da aldeia, da comunidade e também da decisão das cerimônias.

j. Ancião

O ancião fica acima de tudo e de todos. Ele manda e desmanda. Um guerreiro na função de comando na guerra, ele ocupa posição de respeito na sociedade. Os demais tentam viver os desejos dele. Mas também tem apoio da família, no maior caso, e a conquista de liderança vem se consolidando com maior número dentro da família.

2.2 FUNÇÕES EXISTENTES DENTRO DA ORGANIZAÇÃO XAVANTE

a. Padrinho familiar

O nome desta função é Danhõreb dzu wa, que é convocada quando a recém-casada está com problema com o marido. Ele intermedeia a pacificação ou decide pela separação do casal, quando não há possibilidade de ficar junto. No casamento, ele fica com as caças que obtiveram e pinta a noiva para a cerimônia.

Um exemplo: eu sou um padrinho de uma família, essa família é formada por uma prima minha, que ao procurar fui notificado dentro da possibilidade. Eu aceitei e marcamos o dia da realização de cerimônia de oficialização. Os nossos filhos se tornam mais próximos. Também ocorreu com meus filhos, sendo que um primo da minha esposa veio procurar essa possibilidade e ocorreu a união de família. Com essa união, foi provocado o respeito entre nossas famílias.

b. Advogado do grupo de faixa etária

Esse cargo denomina-se de A'ãmã. Ele tem a função de defender um grupo de fase etária. Por exemplo, o grupo de fase etária Hotorã tem seu A'ãmã, que fica de prontidão para

qualquer eventualidade. Mas sempre que precisar do grupo nos trabalhos de roça, ele convoca o grupo para resolver. A escolha para essa função está entre os destacados no grupo. Ele tem que respeitar o outro grupo, as pessoas, e correr muito na corrida de tora de buriti, porque ele vai estar do lado de seus protegidos, isso sem mudar de grupo de faixa etária.

c. Advogado religioso

Essa função é adquirida dentro da linhagem do pai. Uma família foi e sempre tem esse relacionamento de dever com outra família. Se houver uma luta religiosa, ou seja, uma briga dentro da religião e este tiver perdido a luta para os demais, o defensor aparece e pega no braço e levanta. Ninguém ousa mexer com ele, nem com o caído. Isso é uma lei imposta dentro da religião, mas se não estiver presente este defensor, este indivíduo pode não sobreviver na luta. O nome disso Da'ori'wa.

d. Padrinho individual no grupo

Danhimiwanho é a denominação desse cargo. Ele serve para ser usado como parte de ser padrinho. Cada adolescente possui um Danhimiwanho. Ele considera como um irmão mais velho, ou como se fosse pai, como pertencente do grupo de fase etária.

Como pertencente ao grupo Hotorã, tive um padrinho que chamo de Inhmiwanhõ. Outros colegas meus também têm seus Inhimiwanhõ.

e. Benzedor

São aqueles que se dedicam em seus trabalhos de benzer os enfermos, mas eles não são considerados xamã, ou pajé, porque apenas usam ervas medicinais.

f. Dono da Chuva

Eles têm a função de chamar a chuva, de invocar o relâmpago.

g. Dono da Queixada

Eles chamam as queixadas ao local para que os caçadores tenham caça. Atualmente não há muitos Xavante que têm esse saber, porque a preocupação de adquirir o conhecimento a respeito de como fazer não tem aparecido e quase ninguém se interessa pelo aprendizado.

h. Dono da Cobra

Umas famílias dominam o conhecimento de lidar com as cobras e também o conhecimento de curar suas feridas. Somente essas famílias têm amplo conhecimento.

i. Dono de cada pintura

Cada clã existente, fora do clã principal, subclãs têm suas pinturas. Existem pinturas do Aiho ubuni, Tébé, Pahori'wa, Wa'rã, A'ãmã, entre outros.

2.3 POLÍTICA E DISPUTA ENTRE XAVANTE

Uma aldeia é um semicírculo voltado para um córrego ou um rio. Ela contém A'mrã, duas pontas da aldeia, Rinhõ'udu, centro da aldeia, no meio da aldeia tem Warã, centro da aldeia, local usado para reunião diária para discutir assuntos do interesse da comunidade.

O centro da aldeia é o local de manifestação do cacique e dos membros.

Nós Xavante sempre estamos em disputa e isso nos traz força em espírito, que muitas vezes traz o individualismo, mas na maioria das vezes tem suporte familiar. A disputa existia somente na corrida de tora de buriti, na caçada, na resistência onde for e como for, na corrida, entre outros. Com o contato, veio além disso, ou seja, na disputa de cargo, nas posições impostas externamente.

Na caçada, os caçadores disputam entre si quem pode caçar mais. Na corrida, a disputa é entre irmãos ou primos, mas pertencente a outro grupo. Na luta do ói'ó, é luta de clã. Desde criança aprendemos a respeitar o próximo. A disputa de ói'ó provoca respeito com outro clã. Na caçada, quando matar, o outro clã tem o direito de levar tudo ou a maior parte ou a cabeça da caça e alguns membros. Com isso, os caçadores reconhecem quem matou por meio dos membros.

Então, resumindo, os Xavante vivem em plena disputa, no estendido campo da cultura.

2.4 AS PRINCIPAIS CERIMÔNIAS XAVANTES

As cerimônias principais são: **Danhonõ e Darini Danhonõ.**

Danhonõ é o ritual de passagem dos homens e das mulheres de um ciclo para outro.

Iniciando por:

Wapté

Todo homem tem obrigação de seguir essa cronologia Xavante. Passar por fase de Wapté é importantíssimo.

Rité'wa

Ser Rité'wa também é importantíssimo. Cada fase é importante para que fiquem completos os componentes de cerimônias.

Danhohui'wa

Padrinho de um grupo de fase etária tem suas necessidades e suas funções sem nenhum deles, falta o complemento de um. Os padrinhos ensinam para os seus afilhados sobre o comportamento, respeito mútuo para com as mulheres, crianças, idosos, idosas. Quem escolhe os padrinhos são os anciãos, os responsáveis por manter a cultura do povo Xavante. Os padrinhos sempre aconselham os waptê a serem obedientes ao trabalho, respeito entre si e com as demais pessoas para conviver bem na comunidade.

Prédzamrôi'wa

Esta fase seria o intervalo entre padrinho e ancião. Seriam os recrutas dos anciãos. Eles que o chamam centro Warã, da manutenção ao Warã acendendo o fogo e na busca de lenha.

Iprédu

A fase mais importante na comunidade e do suporte filosófico à comunidade e do Warã. Tem seus respeitos e muitos trabalhos.

2.5 CERIMÔNIAS RELIGIOSAS XAVANTES

A cerimônia religiosa Xavante é chamada de Darini, sendo composta de Wai'a rã, Da'ãma wai'a wa, Dzo'ratsi'wa e Wai 'a'rada. Wai'arã é a denominação dos iniciados, são aqueles que estão entrando no mundo religioso Xavante.

Da'ãma'wai a'wa é denominação dos guardiões do segredo Xavante, da espiritualidade. Estão sempre atentos a tudo que ocorre na comunidade, coisas que podem prejudicar a vida social Xavante.

Dzo'ratsi'wa é o nome dado aos cantores da cerimônia, são padrinhos dos wai'arã. Aconselha espiritualmente.

Wai'a'rada são aquelas pessoas que já passaram por essas fases. Vivem para apreciar e aconselhar desde os iniciados até os avançados.

No sistema religioso, as mulheres dificilmente participam, até que os homens autorizem.

2.6 ASPECTOS DA EDUCAÇÃO XAVANTE DO WAPTÊ (ADOLESCENTE)

A *hõ* é a casa dos adolescentes, onde abriga os meninos em regime de internato durante cinco ou seis anos. Quem determina o tempo é o conselho de anciãos. Só é permitido aos meninos e anciãos visitarem a *hõ*. O ancião pode contribuir com a educação indígena Xavante, na orientação do waptê (adolescente). Os meninos podem suprir alguma necessidade para os seus irmãos. Eles levam alimentação.

Os adolescentes aprendem que quando eles param de dançar no meio da aldeia, eles devem andar de cabeça baixa para não enxergar as meninas. Essas regras são passadas de pai para filho, é a tradição. Os padrinhos passam as regras, como as de que os adolescentes só podem dançar de cabeça baixa.

O conselho de anciãos e padrinhos não autoriza o adolescente a enxergar as mulheres, mas mulheres também não podem entrar na *Hõ*. A autorização para enxergar as mulheres acontece depois das cerimônias.

A dança realizada *dadzarõno* é realizada durante o dia, e a *dahipópó* acontece durante a noite.

Os padrinhos acompanham os adolescentes em todos os rituais, nas caçadas, na pesca e nos passeios. Os adolescentes todos os dias entram na água do córrego e permanecem por muitas horas para criar resistência e serem fortes.

2.6.1 A furação de orelha (*Daporedzapu*)

Daporedzapu (furação de orelha), todos os homens Xavante devem furar orelha, na finalidade de ser homem, na finalidade de viver em liberdade. Mas cada grupo deve ter seus

líderes. Líderes que comandam o grupo de fase etária. Cada grupo deve ter seus aihó'ubuni (líderes), que devem ter no máximo quatro ou três aihó'ubuni. Assim o grupo Tsadaró deve ter, como também grupo Airere, Hotorã, Tirowa, Etepa, Abare'u, Nodzo'u e Anarowa.

A furação de orelha ocorre durante a permanência na casa dos adolescentes. As orelhas são furadas na fase de encerramento da cerimônia. Tudo isso ocorre dentro de quatro ou cinco anos. Para isso existe furador em específico, que são escolhidos entre os veteranos furadores. Mas tem que ser um dos padrinhos dos adolescentes, do clã Owawe.

O instrumento utilizado para furar é um osso de um fêmur de onça, pois o osso não é oco. A princípio, logo após o furo, deve ser usado um pedaço de capim-jaraguá como brinco. Logo que a orelha é curada, é usada um pedaço de pauzinho. O pauzinho é o brinco Xavante.

Todas as vezes que forem furar orelha, todos devem amolecer os lóbulos para facilitar o furo. Geralmente são furadas ao clarear do dia, quando ainda estão moles para furar, mas para que isso ocorra os adolescentes devem bater a água durante trinta dias seguidos, para que quando o dia chegar, os lóbulos estejam moles e fáceis de furar, tremendo de frio assim sem sentir a dor. Depois que secar, começa a dor.

Após a furação de orelhas, é o momento de fortalecimento da cultura Xavante. Furar a orelha é uma forma de manter a cultura deixada pelos seus ancestrais, é a marca da identidade Xavante, usar os pauzinhos nas orelhas. Após a furação de orelha, o rapaz já pode interagir bem com a comunidade e tornar-se uma pessoa responsável e educada, mantendo viva a sua cultura.

2.6.2 Corrida de tora de buriti (Noni)

A corrida de nõi acontece quando os herói'wa passam a ser chamados de ritéi'wa (rapaz), pois eles passaram pela furação de orelhas. A corrida de nõi acontece uma semana após a furação de orelhas, pois a partir daí o adolescente passa a ser chamado de rapaz. Pela tradição, nessa corrida se descobrem os bons corredores.

Noni é corrida que dura mais ou menos três semanas. Ele tem um carregador que comanda a corrida, chamado de noni duri'wa. Este começa a corrida e balança sinalizando o começo. Assim inicia a disputa da corrida.

Os competidores são entre o grupo de dois clãs, que são Owawe e Poredza'ono. A comunidade participa do desenvolvimento da corrida. Os pais preparam os corredores, sempre pintando todo dia. Os clãs se dividem para incentivar na torcida. O destacado para correr sempre é testado por um de outro grupo do clã oposto.

A corrida sempre acontece no encerramento de cerimônia da passagem para a fase adulta dos adolescentes. É uma das partes do encerramento dentro da cerimônia. Quando o grupo sai para a caçada dentro de três semanas, as mulheres entram na corrida para disputarem entre si e elas encerram quando do retorno dos homens.

Essa corrida é um treinamento para a grande corrida de 15 quilômetros de encerramento do ritual de passagem, chamada Tsa'ui'wa. Tudo está na grande disputa de dois clãs. Na grande corrida, aquele clã que chegar primeiro será o grande vencedor, em nome de todo o clã.

2.6.3 O Casamento

O casamento para o povo Xavante é a união de duas famílias. Tradicionalmente, as escolhas de marido e mulher são feitas pelos pais, sem a participação dos filhos. Duas famílias decidem se unir por meio do acordo entre famílias. O pai da menina, de acordo com o aceite dos irmãos, decide fazer acordo que sua filha pertença a outra família em questão.

Sabendo que em outra família têm filhos e filhas e que futuramente estes terão que se casar. Sendo assim, todos os membros da família ficam sabendo do relacionamento dos filhos e participam direta e indiretamente para que o casamento ocorra.

Ao final do acordo para o casamento, o pai da menina visita a família do menino com um bolo simbolizando o acordo. O pai do menino, ao aceitar o acordo, convida todos os seus filhos e primos para apreciarem o bolo para selarem o aceite e o respeito entre as famílias.

Para a realização da cerimônia do casamento, acontece uma reunião na casa do pai do noivo. Ele convida os irmãos mais velhos do noivo, para tratar sobre o dia da caçada, e o que o pai da noiva irá levar para o mato. O pai do noivo fala sobre a caçada do casamento no warã, encontro que acontece entre duas vezes ao dia, pela manhã e à noite, todos os dias do ano. Na reunião fica acordado como serão as regras da caçada. Durante a caçada, o irmão mais velho decide quando a carne já é o suficiente para o retorno à aldeia para a realização do casamento. Todos, pais, tios e irmãos, participam da caçada para a realização do casamento.

Após a noiva marcar o casamento, os padrinhos irão pintar seu corpo com urucum. É colocada uma gravata no pescoço da noiva e amarrada cordinhas em seu pulso. Esses são elementos do casamento tradicional. A noiva, após o casamento, é chamada de ĩ tsõ' redzu'wa. A noiva recebe orientações para cuidar bem da vida do seu marido e só manter relações sexuais com ele, para demonstrar respeito pelo casamento.

Nas comunidades Xavante do século XXI, com a entrada das novas tecnologias, e diferentes influências culturais, impostas em especial pelo mundo globalizado capitalista, essas

regras do casamento tradicional, em vários aspectos, são quebradas e há muita separação entre casais, dando a vez ao namoro fora do acordo familiar.

2.6.4 O funeral – morte (a do)

Os Xavantes vivem em comunidade, em consonância com sua realidade. Nesse sentido, tem sentimento um com outro. Essa convivência envolve em todos os sentidos. Quando morre uma pessoa, todo mundo fica emocionalmente envolvido. Todos ajudam na construção da cova.

Quando morre uma pessoa, ele fica na casa dos pais, quando tiver seus pais ainda, quando não tiver fica na sua própria casa. A família, desde seus irmãos, primos, cunhados, padrinhos e aquele que se sentir da família, comparece para participar do choro, demonstrando seu respeito à família e à pessoa falecida.

Quando morre, a família chega no lugar onde se encontra o falecido, até no máximo três ou quatro horas. Assim os coveiros aparecem para medir a pessoa falecida na finalidade de medir a cova. Depois da medida, os coveiros vão até cemitério e se encontram lá, assim se forma a turma dos coveiros naquele óbito. Durante a realização da cova, a família faz seu choro ao redor do falecido.

Quando termina a cova, ou seja, quando acharem que a cova atende à satisfação da família, os coveiros buscam o corpo do falecido e o levam até a cova. O corpo é acompanhado pela família. A família do falecido é amparada pelos coveiros, que é retirada de perto da cova. Assim a família do falecido retorna à aldeia. Os coveiros permanecem no cemitério para finalizar o enterro. Durante o choro da família, a família do falecido leva as coisas para cobrir o serviço do enterro.

Depois do enterro, os coveiros vão até a casa do falecido, onde a família do falecido juntou as coisas para satisfazer os coveiros. Chegando na casa do falecido, eles participam do choro e depois do intervalo para distribuir as coisas. Podem ser coveiras as pessoas que já fazem parte do círculo dos adultos e pode ser ritéi'wa (juventude) mulher. O mais velho distribui as coisas adquiridas para o pagamento aos coveiros.

Depois da distribuição, os coveiros voltam para suas casas. Depois de três dias, uma pessoa de outro clã se pinta com pintura de 'uho para levar a broa (bolo) até a casa do falecido, onde a família do falecido aguarda a broa que será distribuída entre eles, como sinal de respeito com outro clã. Assim que começar a levar, saindo da sua casa até a casa do falecido, a comunidade acompanha a sua travessia no pátio da aldeia.

Ao entrar na casa do falecido, todos começam a chorar. Todos choram por um período de 30 minutos. Ao terminar, a pessoa que levou a broa faz seu discurso aconselhando que todos diminuam seu choro, para que retorne ao normal com a comunidade. Por sua vez, como resposta, o dono da casa solicita uma cerimônia para que a normalidade retorne à comunidade.

3. A ORGANIZAÇÃO SOCIAL E EDUCAÇÃO PÓS-CONTATO

A organização social Xavante pós-contato vem com mudanças visíveis na sociedade. A conquista de posição depende da liderança e do apoio da família para predominar a sua hegemonia na comunidade. E aquele que busca a sua autonomia, busca por meio de seu conhecimento na sociedade envolvida. Há alguns casos que são massacrados pelos líderes locais. Algumas lideranças locais, por influências externas à cultura Xavante, tomam decisões que favorecem algumas famílias, sem favorecer a plenitude da comunidade.

Em muitas vezes, por influência de cultura não Xavante, a posição por clã não tem efeito e nem a posição de grupo etário na tomada de decisões de algumas lideranças. Nessa situação, o que vale é a formação científica e o conhecimento do Xavante.

Também as disputas tiveram modificação em termos de inclusão de esportes padronizados. Como exemplo, para a formação de time de futebol, não se exige que a partida seja disputada entre os dois clãs, e com respeito à faixa etária. Isso pode ocorrer, mas não com frequência, porque para jogar futebol não tem regra cultural. E na disputa não necessita de uniforme cultural, como no esporte padronizado. As posições são diferentes das posições culturais, mas o espírito de competição permanece em muitos, na prática esportiva.

O povo Xavante contemporâneo depende muito dos salários empregatícios dos agentes públicos, como de professor e de agente de saúde, dos benefícios, como a dos auxílios emergenciais e da aposentadoria. Essa condição vem atualmente fechada, sem muitas oportunidades para os jovens de nova geração.

O contato com o não indígena veio com imposições na estrutura religiosa, na educação, na saúde e na configuração do território.

A religião pós-contato trouxe para o povo Xavante a estrutura de reza, a condução da missa e suas preces. O povo Xavante aderiu a essa forma de religião pela fala da bondade, misericórdia e paz empregada pelos missionários colonizadores. Mas os Xavantes contemporâneos parecem estar se distanciando da igreja, apesar de continuar com a fé construída pelos padres.

Muito ligada à religião, a educação pós-contato foi usada para a tradução da Bíblia. Na tradução da missa cantada, da Bíblia, com isso muitas vezes esse material é usado como produto pedagógico a ser aplicado na alfabetização. Para que o trabalho, pós-contato, tenha sucesso, alguns professores Xavantes foram capacitados para lidar com as crianças Xavantes.

Em relação à saúde pós-contato, podemos pensar sobre a definição de saúde, que vai muito além do tratamento da saúde. A saúde para o povo Xavante começa da limpeza do

ambiente, que com isso vem a força espiritual para que sobreviva em qualquer situação. Foram adquiridas muitas doenças no contato e foram perdidas muitas vidas. O sarampo foi quem levou mais. Os nossos pais contam que faziam valas para enterrar os parentes que morriam contaminados por sarampo. As covas tinham que ser comunitárias. Morreram muitos Xavantes com o contato.

Diferentemente da área de educação, os jovens interessados em seguir o caminho da área da saúde têm buscado de modo individual sua formação, fazendo cursos nas cidades. Eles têm conseguido se formar com muito esforço. Enquanto isso, o povo vem usando ervas medicinais naturais em muitos casos para o tratamento da saúde. Na luta durante a pandemia, foi muito importante o uso dessas ervas medicinais.

Em relação ao território, antes do contato, o povo Xavante dominava o vale do Araguaia, ultrapassando suas fronteiras. Depois do contato, vieram os limites do território para a Terra Indígena. Com os pontos limítrofes, ocorreram as brigas por território. Os indígenas não vivem de terras limitadas, vivem de Território. Sabem onde estão os animais silvestres e frutas nativas. Hoje essa busca é frequente em São Marcos, onde com frequência buscam os ingredientes de cerimônias fora de sua terra demarcada.

O povo Xavante vive desestruturado neste mundo contemporâneo e globalizado. Estão desnorteados. Estamos salvos devido à cultura que mantemos. Um Xavante sem cultura é um Xavante morto espiritual e fisicamente em alguns casos. É necessário que o mundo seja revisto para o Xavante e com o Xavante, para que vivam segundo a cultura Xavante.

Se os Xavantes tentarem conviver apenas com o mundo globalizado e suas regras, jamais viverão com a liberdade do povo Xavante. Existem muitas famílias morando nas cidades, de Aragarças, de Barra do Garças, de Campinápolis, de Nova Xavantina, de Primavera do Leste, entre outras. Nas cidades, os Xavantes vivem com dificuldades, têm empregos de baixos salários e uma vida de baixa rentabilidade, e alguns ao mesmo tempo tentam sua formação universitária em faculdades particulares. Alguns, após formados, voltam com sua formação para atuar como professor na aldeia, pois existe espaço de trabalho.

Alguns professores Xavantes, que estudaram na cidade, criticam a função de escolas diferenciadas para indígenas. Essa atitude é também partilhada por alguns pais, que acreditam que o filho precisa ter uma escola na aldeia igual à escola da cidade, para que seu filho possa ter uma formação para participar do mercado de trabalho capitalista e realizarem concurso público.

Sendo assim, é necessária a discussão a respeito do currículo das escolas indígenas, quando se discorre sobre o Projeto Político-Pedagógico (PPP). Uma parte dos PPP das escolas

indígenas Xavantes é elaborada de acordo com as escolas tradicionais, não atendendo à realidade da comunidade.

Em geral, quando a escola indígena discute o PPP, os que reclamam da escola não comparecem para discutir, ficam na cidade para fazer denúncias contra a escola da aldeia. Os professores da escola da aldeia geralmente assumem as responsabilidades pela condução da proposta do PPP.

Uma das questões importantes para a manutenção da educação escolar Xavante seria a construção coletiva, realizada com os professores e a comunidade da Terra Indígena São Marcos, de uma proposta de unificação dos Projetos Políticos-Pedagógicos das escolas das redes estaduais e municipais que atenda aos interesses do povo Xavante daquelas comunidades.

A proposta de unificação do projeto pedagógico deve respeitar a temporalidade indígena e as fases da educação Xavante para que a cultura do povo seja respeitada por todos os seus agentes e para que as crianças e jovens envolvidos com as novas tecnologias também possam aliá-las à manutenção da tradição cultural do povo Xavante.

Nesse movimento de unificação realizamos três encontros na Escola Estadual Indígena Deputado Mário Juruna, sendo envolvidas as escolas: Escola Estadual Ulisses Guimarães, Escola Estadual Indígena Hambe, Escola Estadual Indígena Dom Fellipo Rinaldi, Escola Estadual Indígena Juscelino Tserema'a, Escola Estadual Indígena Rãwi'a, Escola Municipal Iró'órãpe, Escola Municipal São José, Escola Municipal Nova Jerusalém.

A proposta do PPP unificado deve ser para uma escola que tenha tempo para as atividades escolares e tempo para atividades da educação Xavante, para que tenha sequência pedagógica de ambas as partes, dentro das realidades dos educandos e dos professores. Assim haverá participação da comunidade no acompanhamento no processo das aprendizagens dentro do ambiente dos educandos.

Sendo assim, as avaliações serão para os educandos e para os educadores, transformando uma educação escolar indígena própria, que tenha autonomia com a comunidade da aldeia.

Também os conteúdos vão estar ligados aos conteúdos pedagógicos das realidades das crianças e dos educadores. Em relação aos objetos de conhecimento do povo Xavante, devem ser abordadas as pinturas corporais, as práticas de corridas, cantos, contos, linguagens, caças entre outros. A participação dos anciãos, tanto dos homens quanto das mulheres em relação à cultura Xavante, deve fazer parte das ações cotidianas da escola.

Uma das questões importantes é a construção de um calendário escolar diferenciado que seja respeitado e institucionalizado pelas Secretarias de Educação do Estado e do município

envolvido. Os professores da escola também precisam discutir a produção de material pedagógico específico para uma educação escolar indígena.

Uma das questões fundamentais para os professores da aldeia é a necessidade de formação continuada, para que haja um ensino de qualidade. Em certa medida, houve um avanço significativo em relação à formação do professor e o desenvolvimento da cultura Xavante na escola.

Pós-contato, os Xavantes contaram com grandes líderes, como Apoena, Mario Juruna, Aniceto, Simão, Jeremias, José Maria e outros. Esses homens foram caciques tradicionais, que se comportavam como Xavantes tradicionais. Isso era percebido em seus discursos fervorosos, sobre a educação escolar, a demarcação de território e na questão de tratamento de saúde.

Sobre Mário Juruna, conhecemos que:

[...] o Xavante Mário Juruna foi o primeiro (e, até hoje, único) deputado federal indígena, sua trajetória no livro evidencia a dificuldade de articulação de um indígena em um modo de fazer política que não lhe é, a princípio, próprio. Juruna morreu em 17 de julho de 2002, em decorrência de diabetes. (Silva, 2017, p. 197).

Esses líderes seguem a linhagem do Aptsi're e do Rãiwí'a. Como os Xavantes foram “colonizados”, a postura de lideranças tradicionais foram desaparecendo, dando lugar para o Xavante acuado, com seus problemas da aldeia.

A nova geração de caciques não demonstra preocupação política com o povo, é mais para os problemas domésticos, ou seja, para o problema da aldeia. Isso vem na luta de garantia de educação escolar com função de professores habilitados para o exercício da educação escolar indígena. Os caciques precisam lutar para que a escola indígena possa funcionar em muitas aldeias em ambiente adequado para as diferentes formas de aprendizagem.

Com muita dificuldade, os Xavantes buscam sua formação acadêmica na cidade perto da sua aldeia, ou nas cotas oferecidas pelas universidades públicas no Brasil e principalmente em Mato Grosso, pela Faculdade Intercultural Indígena (FAINDI), da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat.

4. O PESQUISADOR PROFESSOR E SUA VIDA XAVANTE

Nasci na aldeia São Marcos no dia 25 de dezembro de 1970, de acordo com o relato dos meus pais, e isso está ligado à comemoração do nascimento de Jesus Cristo, conforme o calendário cristão.

Lembro que quando criança, às vezes, meu pai trabalhava os adereços para minha participação nas cerimônias culturais. Isso foi acompanhando o meu crescimento dentro da pedagogia indígena Xavante.

Eu acompanhava meus pais na roça, na pesca e nas danças culturais. As pinturas corporais também acompanham o nosso crescimento. A pintura que foi adotada para mim foi de acordo com meu perfil, pois a pintura significa muito. Segundo nossos pais, significa o nosso *status* entre os Xavantes.

4.1 AS FASES DA VIDA XAVANTE

A pintura deve sempre estar em uso por mim e pode ser ahurã, ahupré, da’uho, as quais devo usar sempre onde for.

Quadro 1 – Pinturas Corporais Xavantes

Pintura	Significado
Ahurã	Pintura com carvão e um pouco de urucum, significa uma pessoa valente, guerreiro que aguenta as coisas da vida.
Ahupré	Pintura com carvão e um pouco de urucum, significa uma pessoa valente, guerreiro que aguenta as coisas da vida.
Da’uho	É uma pintura social, usada na caçada, na guerra, nas cerimônias culturais.

Fonte: O autor (2024).

Fui airepudu, wapté, ritéi’wa, danhõhui’wa, prénhamrõi’wa, iprédu e ihi. Atualmente estou na fase do iprédu, depois vou para a fase de Ihi.

Quadro 2 – Fases da vida Xavante

Fase Xavante	Período Correspondente
Airepudu	pré-adolescente
Wapté	adolescência
Ritéi'wa	fase da juventude
Danhõihui'wa	fase de padrinho
Prédzamrõi'w	pré-ancião
Iprédu	fase de ancião
Ihi	ancião

Fonte: O autor (2024).

Entrei na casa dos adolescentes para ser wapté (adolescente). Lá aprendi a conviver em grupo, dormir com os colegas, cantar, dançar, pescar, caçar e a ouvir conselhos, histórias e ser solidário com os outros e com membros do grupo e com os outros grupos de faixa etária.

Passando por essa fase, me tornei RITÉI'WA (juventude). Nessa fase retornei para conviver com meus pais, onde a convivência é com a comunidade da aldeia e com os demais da família. Aprendi a buscar a responsabilidade e agora a realizar sozinho o canto, sem padrinho. Também nessa fase aprendi a caçar sozinho, pescar e olhar o mundo para viver. Aqui aprendi a carregar a tora de buriti, a correr com velocidade, onde foi me ensinado na prática. Então, tenho velocidade com tora de buriti e sou veloz também sem carregar a tora de buriti.

Depois veio a fase de padrinho, onde a responsabilidade agora é educar os adolescentes dentro do ho (casa dos adolescentes). Nessa fase, fui um padrinho dedicado aos meus afilhados.

Hoje sou membro do Warã (centro da aldeia), centro de discussão da aldeia, e estou na fase do Iprédu (anciões).

Warã é o centro da aldeia, onde são discutidos assuntos diversos e de decisão. Geralmente as reuniões são cotidianas à tarde e ao amanhecer; onde somente os iprédu se reúnem.

Também sou Damadzo Ratsi Wa, fase na religião Xavante. Tocador de chocalho, o cantor neste sistema.

4.2 A VIDA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR E DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Lembro que entrei no mundo da escola na aldeia São Marcos, onde os padres salesianos eram predominantes como docentes. Os salesianos eram os responsáveis pela formação escolar e por introduzir a cultura não indígena para os Xavantes.

A educação, em sua matriz, era baseada no catolicismo, a missa cantada, os cantos da igreja, as orações católicas faziam parte da aprendizagem na escola.

Na maioria dos tempos, eram as atuações dos missionários e aos poucos as inclusões de professores Xavantes como monitores. Os principais professores são: Mestre Adalbert, mestre Jorge, irmã Aparecida, professora Natalia, nas séries iniciais.

A escola dos missionários para os Xavante só foi minimamente organizada após 1964, com a chegada das Irmãs Salesianas à aldeia. Um fato marcante lembrado pelos missionários e pelos Xavante foi o sangue derramado pelo P. Pedro Sbardelotto, que apanhou de chicote por um fazendeiro da região. A escola estadual de São Marcos foi criada em 26 de agosto de 1974, pelo Decreto nº 2.179. A escola procura ser diferenciada, valorizando, respeitando, incentivando o cultivo da própria cultura. (São Marcos, 2024).

No princípio, fomos alfabetizados em português, depois com a inserção de professores monitores Xavantes, houve a alfabetização para a língua Xavante.

Na aldeia São Marcos, na Escola Estadual Indígena Dom Felipe Rinaldi, repetíamos de ano, fazíamos a mesma série mais de uma vez. Essa escola trabalhava com a cultura Xavante, principalmente nas datas cívicas comemorativas e toda comunidade era envolvida para incentivar as crianças na aprendizagem. Os alunos participavam dos cantos e das danças, mas a apresentação era realizada apenas pelos alunos, pois os pais ficavam na plateia apreciando a participação dos filhos.

Em alguns eventos éramos levados para a igreja, no horário de aula, como aprendizagem da escola, também para aprender a rezar e cantar os cantos da igreja. Aprendemos a rezar a oração da Ave Maria, a oração do Pai Nosso, cantos e a bênção da comida na refeição. Os salesianos também realizavam os batismos e há batismo até os dias de hoje.

4.3 A FORMAÇÃO POLÍTICA EM EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA XAVANTE

A princípio eu não tinha planejamento de seguir como um agente político sobre a educação escolar indígena. Compreendia que todos os envolvidos estavam preocupados com sua melhoria, com as questões pedagógicas e com as questões de estruturas físicas e que para lidar com essa causa a pessoa tinha que estar bem articulada.

O início no campo político da educação começou quando compus uma das chapas para concorrer à gestão da Organização dos Professores Indígenas de Mato Grosso (OPRIMT).

A OPRIMT serve para representar os professores indígenas no estado de Mato Grosso politicamente, para ser porta-voz junto às esperas públicas. Os membros da OPRIMT são os

professores e colaboradores das causas indígenas no estado de Mato Grosso e instituições formadoras.

Fiquei como vice-presidente da OPRIMT. A princípio não queria estar no meio dessa discussão sobre a educação indígena, mas me colocaram e tive que aceitar. Assumindo, fui vendo as coisas como político e representante de professores indígenas do estado de Mato Grosso. Foi muita responsabilidade. Corresponder o estado e sua diversidade cultural étnica é muita responsabilidade e gostaria de ficar somente em sala de aula com meus alunos ensinado. Mas estou nesta caminhada e tenho que caminhar esta trajetória de luta. Não tenho como abandonar.

Ser representante e me manifestar a favor das causas dos interesses da educação escolar indígena, no caso das realidades indígenas, é uma tarefa complexa. É muito difícil fazer o não indígena compreender a realidade, a vida cultural do povo indígena, a necessidade de um currículo e de uma escola específica para o desenvolvimento da vida indígena.

No caminho junto à atuação política em favor da causa indígena, tive que refletir muito a respeito da educação escolar indígena, suas necessidades, manter uma postura de responsabilidade para dar credibilidade sobre as discussões que realizávamos. Para corresponder, tive que aperfeiçoar os meus conhecimentos nos direitos garantidos e ter posturas de conhecedor a respeito, para não dizer qualquer coisa em vão referente ao assunto. O valor de ter postura fui aprendendo na prática. Também fui buscar meus conhecimentos técnicos, sendo Assessor Técnico Pedagógico na Coordenadoria de Educação Escolar Indígena na Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC), em Cuiabá. Também fui diretor da Escola Estadual Indígena Hambe, onde exerci o papel de Coordenador Pedagógico e de professor.

Não foi fácil, pois quando compreendi o significado e a importância do que é a educação escolar indígena específica e diferenciada, não havia muitos professores formados para acompanhar as mudanças necessárias.

A educação escolar tradicional não corresponde à educação indígena, na sua estrutura curricular, nem em seu Projeto Político-Pedagógico e no movimento de formar pessoas indígenas. Existem diferenças em seus processos de educação, para impor a educação da cidade aos povos indígenas, o que significa desrespeitar a sua vivência histórica.

Como vice-presidente, fiz documentos para endossar o processo de criação das escolas estaduais: Estrela, Paihitiwara e Rãiwí'a. A Escola Estadual Indígena Estrela está localizada na Terra Indígena Parabubu, município de Campinápolis, na Aldeia Estrela. A Escola Estadual Indígena Paihitiwara está localizada na Terra Indígena Marechal Rondon, município de

Paranatinga, Aldeia Paihitiwara. A Escola Rãiwí'a está localizada na aldeia Jesus de Nazaré, no município de General Carneiro, Terra Indígena de São Marcos.

Também participei da discussão da implantação do curso magistério intercultural, técnico em meio ambiente e de agroecologia.

Com a implantação do Território Etnoeducacional A'uwe Uptabi do MEC, participei ativamente da elaboração de proposta de projetos de ações, como das construções de escolas indígenas Xavantes, da formação de professores e da formação continuada.

Sou professor da Educação Básica, com dois concursos públicos, um da Prefeitura de Barra do Garças e outro do estado de Mato Grosso. Devido a conflito interno, tive dificuldade de ajeitar uma sala de aula no município, pois estava funcionando como extensão de uma escola. Isso dificultou o diálogo com algumas comunidades. Nesse processo, fui afastado com justa causa por abandono de serviço, sem nenhuma defesa. Isso ocorreu no ano de 2009. Demorei 11 anos para retornar.

Como envolvido no processo da educação escolar indígena, criamos a Escola Estadual Indígena Hambe, na aldeia Nova Esperança, onde sou lotado. Fiz graduação na Unemat em Licenciatura na Área de Ciências Sociais, especialização em Educação Escolar Indígena e curso mestrado em Contexto em Educação Escolar Indígena na mesma universidade.

Fui diretor da Escola Estadual Indígena Hambe nos anos de 2007 a 2009. Nos anos seguintes, fui coordenador da escola e no ano de 2012 fui para a Secretaria de Estado de Educação (Seduc), na Coordenadoria de Educação Escolar Indígena. A Escola Estadual Indígena Hambe oferece a Educação Básica, que corresponde à Educação Fundamental e Ensino Médio. Também há a oferta de Educação de Jovens e Adultos.

Os professores são todos indígenas das aldeias e leigos. Alguns buscam o seu desenvolvimento para a sua formação como professor.

Como fui um dos pioneiros na direção da escola, fui um diretor aprendiz na afirmação da educação escolar indígena e montamos conselho deliberativo da escola, onde desenvolvi alguns trabalhos pedagógicos diferenciados.

É importante compreender que a educação escolar tem seu lugar, enquanto a educação indígena tem seu espaço e seu lugar de atividades. Cada espaço e cada lugar deve ser considerado lugar de aprendizagem. Eu sou mais um dessa realidade e praticante de ambos.

Aprendi a lidar com a dificuldade de trabalhar com trabalhos pedagógicos, de estrutura física e luto na busca de melhoria de condição de trabalho para uma educação escolar específica e diferenciada.

No âmbito do Território Educacional A'uwe Uptabi, criamos o Fórum Tsihorirã. É um fórum de discussão da educação escolar indígena Xavante. Reunimos mais ou menos 150 pessoas em Barra do Garças no ano de 2014. Nesse encontro saiu uma proposta sobre o que seria adequado para a educação escolar Xavante, porém esse plano nunca foi aceito pela Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso. Acredito que a Seduc não aceitou porque não compreende como executar isso na sua amplitude, apesar de terem olhado para isso com bons olhos. Digo isso porque nunca retornaram com respostas concretas para as ações pensadas no fórum.

Estavam no encontro Secretarias Municipais, Estaduais, Seduc (Cefapro, Assessoria Pedagógica, Coordenadoria de Educação Escolar Indígenas), UFMT, Unemat, Funai e professores Xavantes. Também estava presente o Conselho de Educação Escolar Indígena de Mato Grosso.

Figura 5 – Mesa de representação do Fórum Tsihorirã



Fonte: O autor (2014).

A discussão foi muito além do pedagógico, pois se discutiu sobre política indígena, formação de professores, estruturas físicas e administrativas, pontos que nunca foram atendidos mesmo sendo de grande feito para a educação escolar indígena e específica para o povo Xavante.

Quadro 3 – Participação do Fórum Tsihorirã

COORDENAÇÃO GERAL DO FÓRUM TSIHORIRÃ	COMPOSTA POR MEMBROS ORIUNDOS DAS INSTITUIÇÕES FUNDADORAS E DOS REPRESENTANTES DAS TERRAS INDÍGENAS A'UWÊ UPTABI	
COORDENADORES	Owawe	Xisto Tserenhi'ru Tserenhimi'rami
	POREZA'ONO:	Jurandir Siridiwe Xavante
MEMBROS INDÍGENAS	AREÕES:	Anderson Siruiá e José Upté Xavante
	PARABUBURE:	Elias Tsibodo'pré Nomotse e Saturnino Wapotowe Rudzane Edi
	PIMENTEL BARBOSA	Caimi Waiasse Xavante e Leandro Parinaia Xavante
	MARÃIWATSÉDÉ:	Carolina Rewaptu e Cosme Rite
	SÃO MARCOS	Leandro Aptsire e Nilson Tserewetsa Tsaeomowa
	SANGRADOURO:	Bartolomeu Patira Pronhopa e Januário Tseredzaro Ruri'õ
	MARECHAL RONDON	Natal Wa'awe e Orlando Tsipetsewe
DEMAIS MEMBROS	COORDENADORIA DA EEI:	Felix Rondon Adugoenau e Sebastião Ferreira de Souza
	FUNAI CR XAVANTE – BARRA DO GARÇAS	Gabriel Gomes Muria e Carlos Henrique Silva
	CEFAPRO/BARRA DO GARÇAS	Beloni Eliza Secretti Ceretta e Rita Natalia Batista da Silva
	CEFAPRO/PRIMAVERA DO LESTE	Milton Alcover Neto e Karina Aparecida Geraldo
	UFMT/Cuiabá	Marly Augusta Lopes de Magalhães e Magno Silvestri
	UCDB	PE. AQUILINO TSERE'UBU'Õ TSIRUI'A,
	UNEMAT	ADAILTON ALVES DA SILVA

Fonte: Fórum de Educação Escolar Indígena Tsihorirã.

Documento final A'uwê Uptabi de proposições para a Política de Educação Escolar Indígena para o Estado de Mato Grosso. Barra do Garças-MT, 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho que fiz achei interessante, partindo da cosmologia étnica, sendo relatada por mim em várias áreas da minha visão.

A educação Xavante é de suma importância na vida adulta, sendo assim tratada de modo delicado. Escrevi da minha vida, da luta que levo, da minha atuação como professor e também como levo a vida Xavante.

Foi interessante escrever a vivência Xavante, como refletir a respeito da pedagogia e da cosmologia Xavante. Tudo isso faz e fez parte do meu conhecimento e currículo. Escrever assim faz lembrar do lugar e espaço a ser considerado, espaço a ser valorizado.

Escrevi aqui o que acho importante, o que acho interessante, escrevi aqui de coração o que vivi, o que vivo e o que acho que vale a pena falar. Escrevi o que de fato vivemos, sem fantasia, sem máscara, mas o mundo nos traz o mundo fora da nossa realidade. Expressar de maneira concisa e precisa me foi repassado como sinônimo de sabedoria filosófica.

Vivo no mundo paralelo, estes mundos da sociedade envolvente e o mundo Xavante. Esses mundos levo de maneira distinta, para que não perca o equilíbrio da vida. A educação na aldeia vive entre dois lados, a educação escolar e a educação Xavante e às vezes essa dualidade de educação é incompreensiva, pois muitos não querem assumir os fatos de como realmente a educação acontece.

Uns querem a educação padronizada pelas Secretarias de Educação, uns querem educação diferenciada, uma educação escolar indígena, mas poucos discutem a pedagogia necessária a ser aplicada. A indefinição prolonga o avanço pedagógico para a educação escolar indígena.

O importante e necessário é uma educação para o povo Xavante, que seja Xavante de fato, que sirva para o desenvolvimento das crianças e jovens da comunidade, fortalecendo a cultura Xavante e contribuindo para que eles possam resistir e lutar para a manutenção do território Xavante.

Como produto educacional, construí um livro paradidático sobre as fases da educação Xavante, com o propósito de contribuir com o professor Xavante na sala de aula. O livro paradidático serve como recurso para o professor motivar o aluno a compreender melhor a vida Xavante. É um livro bilíngue, escrito em Xavante e em língua portuguesa.

Por fim, quero também agradecer às instituições por onde passei: Escola Municipal de Namunkurá, escola extenso de Barreirinho, escola extensão Nova Esperança, Escola Estadual

Indígena Hambe, Coordenadoria de Educação Escolar indígena da Seduc – MT, onde fui professor, diretor, técnico administrativo, coordenador pedagógico e assessor. Também sou Conselheiro da Educação Escolar Indígena de Mato Grosso, do Conselho Municipal de Barra do Garças, do Conselho do Fundeb de Barra do Garças.

Desenvolvi meu currículo com meus companheiros de luta do estado de Mato Grosso, professores e lideranças indígenas. Também tenho que destacar pessoas que contribuíram para a minha trajetória, tanto no meu espaço de trabalho quanto fora dele.

Também quero destacar a minha trajetória de ator, que contribuiu muito para a melhoria da postura de expressão diante do público.

Eu sou Xavante e sou profissional da educação com orgulho e vivo neste mundo que não é fácil, mas levo com tranquilidade, porque acredito que há pessoas que compreendem as questões indígenas. Acredito que podemos avançar nessa questão, porque resistimos desde a chegada dos portugueses ao Brasil.

REFERÊNCIAS

- ÂNGELO, Francisca Navantino Pinto. **Educação escolar entre os povos indígenas do Mato Grosso: cinco casos, cinco estudos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.
- FERREIRA, Waldineia Antunes de Alcântara. **Educação Escolar Indígena na Terra Indígena. Apiaká Kaiabi em Juara- MT: resistência e desafios**. Porto Alegre: UFRGS.
- FORÚM DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA TSIHORIRÃ. **Documento final A'uwẽ Uptabi de proposições para a Política de Educação Escolar Indígena para o Estado de Mato Grosso**. Barra do Garças, Mato Grosso, 2016.
- LUCIANO, Gersen José dos Santos. **Educação para o manejo e domesticação do mundo: os dilemas da educação escolar indígena no Alto do Rio Negro**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- SÃO MARCOS. Disponível em: <https://www.missaosalesiana.org.br/sao-marcos/>. Acesso em: 25 set. 2024. Acesso em 12 de maio de 2024.
- SILVA, Anyelle Gomes da. Resenha de: VALENTE, Rubens. **Os fuzis e as flechas: história de sangue e resistência indígena na ditadura**. 1. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2017. p. 197.



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
“CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO”



XISTO TSERENHI'RU TSERENHIMI'RAMI



RÓWAIHU'U'WA – É AQUELE QUE LÊ O MUNDO:
UMA PALAVRA USADA QUANDO SE DIZ EDUCAÇÃO XAVANTE

Barra do Bugres – MT
2024

XISTO TSERENHI'RU TSERENHIMI'RAMI

**RÓWAIHU'U'WA – É AQUELE QUE LÊ O MUNDO:
UMA PALAVRA USADA QUANDO SE DIZ EDUCAÇÃO XAVANTE**

Produto Educacional Apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECH - da Universidade do Estado de Mato Grosso
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus* Univ. Dep. Est. “Renê Barbour” – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Edinei de Oliveira

FICHA TÉCNICA

Autor - XISTO TSERENHI'RU TSERENHIMI'RAMI

Orientador – Prof. Dr. Carlos Edinei de Oliveira

Capa -Figura de um líder de um grupo de faixa etária - Aiho'ubuni

Desenho da capa - Ronaldo Tserewa uptsa awe Tserenhi ru

Desenhos do livro – Rafael Pré 'a'a - Professor da Escola Estadual Indígena Hambe

Diagramação – Átila de Arruda Brito (Acadêmico do curso de Artes Visuais/Unemat)





Ól'ó

A imagem é a luta de dois meninos.

De vermelho é um menino do clã Owawe e de preto do clã poredza'õnõ.

Isso pode ser identificada no símbolo que usam no rosto.

As pinturas são variadas e são usadas de acordo com o escolhido pelos pais

Os pais ficam contentes quando seu filho ganha a luta.

O pai imaginando que o seu filho será guerreiro futuramente.



ÓI'Ó

Ipódóhã datsi'wapé ói'ó na.

Owawe uptéi'ré uhoré Poredza'õnõ.

Waihu'u petsedi i'u'rata date wama re tsa'ra
mõnõ wabhã

Da'uré aimawitsi. Damama nh9mi waihu'u
dzarina te amã date uré dzara.

Damama rowedi i'ra te natsi da'a dzamari
wabhã.

Ama itsimi rotsarada i'ra a'uwe tede wa da
aptó'ó ré wabdahã.



WAPTÉ

A fase de permanência na casa dos adolescentes.

A casa é denominada de HO.

Os adolescentes ficam mais ou menos durante quatro ou cinco anos nesta fase.

A fase dos adolescentes é composta por líderes denominado AIHO UBUNI (três ou quatro) e mais tarde com PAHORI'WA (dois) e TÉBÉ (dois).

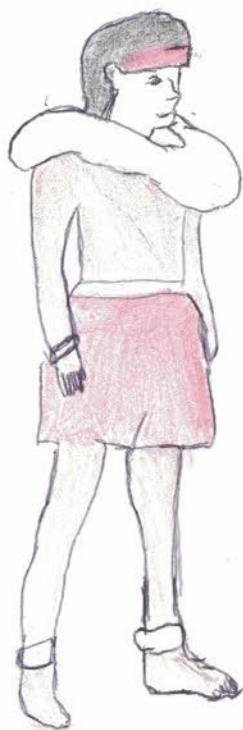


WAPTÉ

Wapté na dawamrihã re idahoimana dzara mōnō dahã Ho re.

Tamebhã te re dahoimana dzara imrõtō niwabhã itsipai u.

Wapté te tama re hoimana dzara tsimado o'wa AIHO'UBUNI, niwabhã tsi ubdatō, niwabhã maparane tsi uiwana. Duré PAHORI'WA maparane, TÉBÉ, maparane.



WAPTÉ

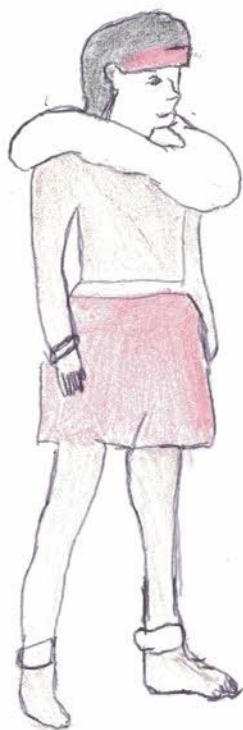
Essa é a pintura do wapté.

Essa é uma imagem do wapté quando está entrando na casa dos adolescentes (HO).

Eles usam um fio de algodão amarrado com palha de buriti.

Entram na casa dos adolescentes depois da luta do ói'ó e em seguida a corrida de tora de buriti.

A corrida de buriti ocorre em homenagem a wapté.



Wapté

Āhā wapté u ré

Āhā wapté pódó rōiwabhā

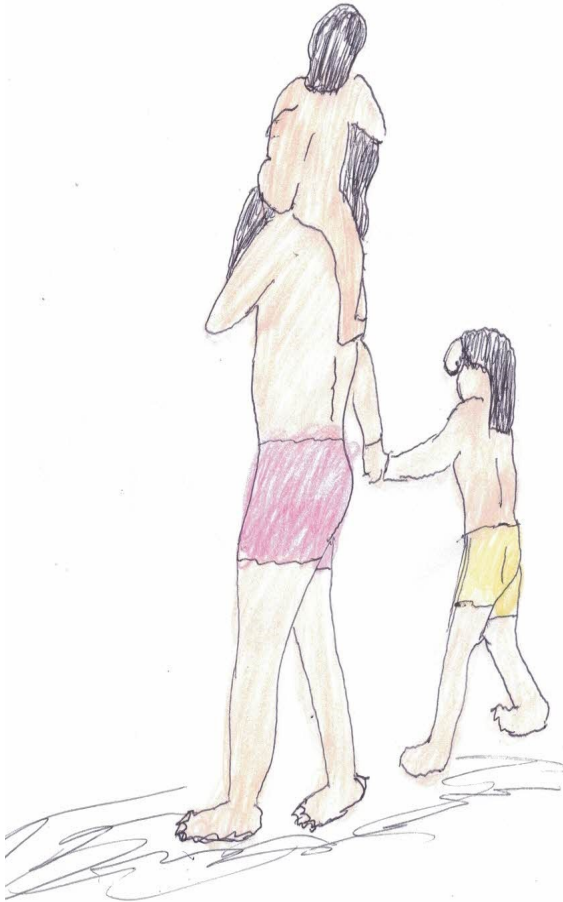
Te re tsitsi tsinhōtsi'ātsi'ré

Itsōnhi'āhā abadzi nhibdzidina i ubu tsuwaipó
na

Te re rō dzara ói'ó na re tsiho dzara pari.

Taha pari te uiwede date tama retsihori dzara.

Uiwede hā wapté irōbté ma te date re tsihori
dzara.



PAI

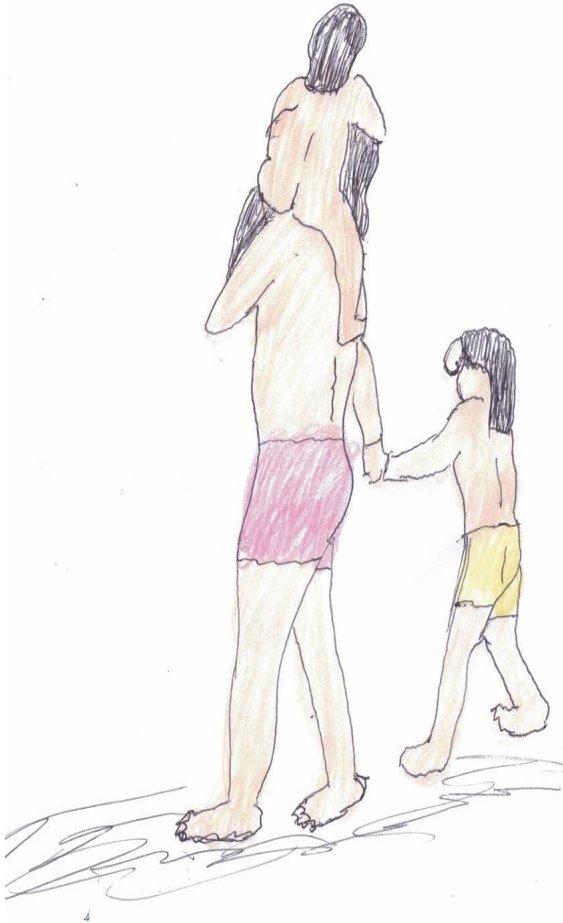
Esta é a imagem do pai em Xavante.

A cena é de um pai carregando seus filhos ou de meninos com seu pai.

O Xavante é patrilinear segue a linhagem da parte do pai.

Também pode ser a imagem de um avô.

O avô Xavante carrega seus netos para o córrego para tomar banho.



Damama

Ãhã damama pódó a'uwe rebhã

Tpódóhã damama ti'ra te re tsub dza.

Damama dzaina te re dahoimana dzara a'uwe rebhã.

Tahã tedza re hoimana tihi rata dzarina.

Da rada tinhihudu te tsubdza oiba



UIWEDE

A Corrida de Tora de Buriti.

Uiwede significa literalmente buriti.

Significa também a Corrida de Tora de Buriti.

Os padrinhos carregam e revezam a tora de buriti até a aldeia.

Os adolescentes apoiam para que o buriti não caia e não machuque nenhum participante da corrida.

Os padrinhos e os adolescentes usam pintura específicas para a corrida.



UIWEDE

Rwede datsiwapé

Uiwede hã amã irótsarada

Uiwede na datsiwapé dawarana

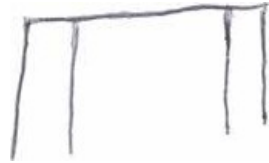
Danhõhui'wa tedza tsimã te tsamrã

Waptéhã tedzate upari dzara uiwede waptã ã
toda

Duré te damãi u a toda ãmã itsi abaré dzarahã

Danhõhui'wa aimawi i'uré duré waptéhã ti uré
nã

ÓWAWÉ



ÓI'Ó

Desde o seu nascimento o menino Xavante é preparado para lutar na luta do ói'ó.

Uma luta de raízes do brejo da mata.

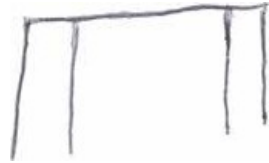
As raízes são extraídas somente para serem usada nesta luta.

Depois da extração são preparadas pelos pais, para serem usadas na luta.

Cada raiz preparada pelos seus pais, são utilizadas pelos meninos em confronto.

Vence aquele que será guerreiro, e quem perde será sempre perdedor.

ÓWAWÉ



ÓI'Ó

Ói'ó

Aibo re pótó dzara mōnōwi te date re urédzara
ói'ó da

Ói'ó hã te date re tsnãri róptóna

Tsadarãnã niwabhã tsadarãnã

Ói'ó date retsinari amã datsi wapé datsi

Tawamhã damama tedza

Tedza petse tiramã amã tsibaréda ói'ú nã

Damamã te petse wabhã tedza amã ai abré

Tedza re tsimatsa aibo dza re ihoimana mōnō
dahã

Duré date amã i ai'utéhã tedza date amã re
ai'uté u otsi



TSA'URI'WA

No encerramento da permanência como wapté ocorre corrida de 15 km, que denominado de TSA'URI'WA.

Esta imagem é de um adolescente participando da corrida TSA'URI'WA.

A disputa é entre clã existente: POREDA'ONO e OWawe.

Aquele clã que chegar primeiro representa todo o clã.

Depois da corrida o adolescente se torna jovem, ou seja, se torna livre para namorar e até casar.

Ele pode caçar sozinho e sair com os adultos.



TSA'URI'WA

Dahoimana date re irātsutu dzara mōnōhā
TSA'URI'WA na.

Āhā ipódohā TSA'URI'WA na dahā

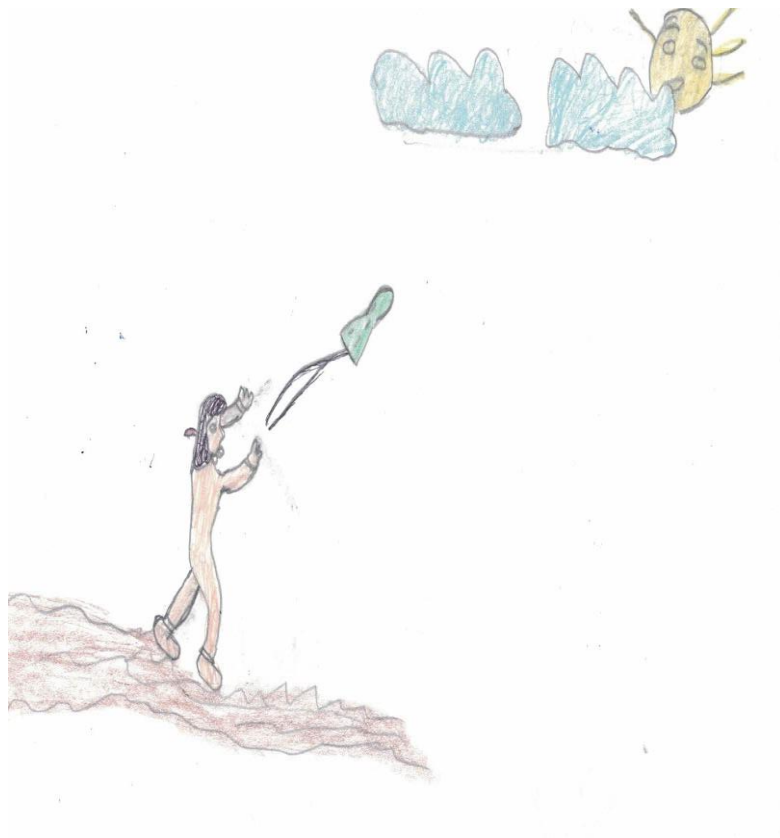
Ró'wa'tsa na te ama re datsiwapédzara

Te ama re datsiwapédzara tsiré abana
POREDZA'ONO duré OWawe na

Tsa'uriwai paribhā tedza ótó re hoimana dzara
ritéi'wa na.

Taha pariptsi tedza retsiwe dzara duré
niwabhā re mrõ dzara

Ritéi'wa tedza ótó ama tsitsanhõ abana duré
tsi uihona tihoimana na



SOL

Menino brinca com sol.

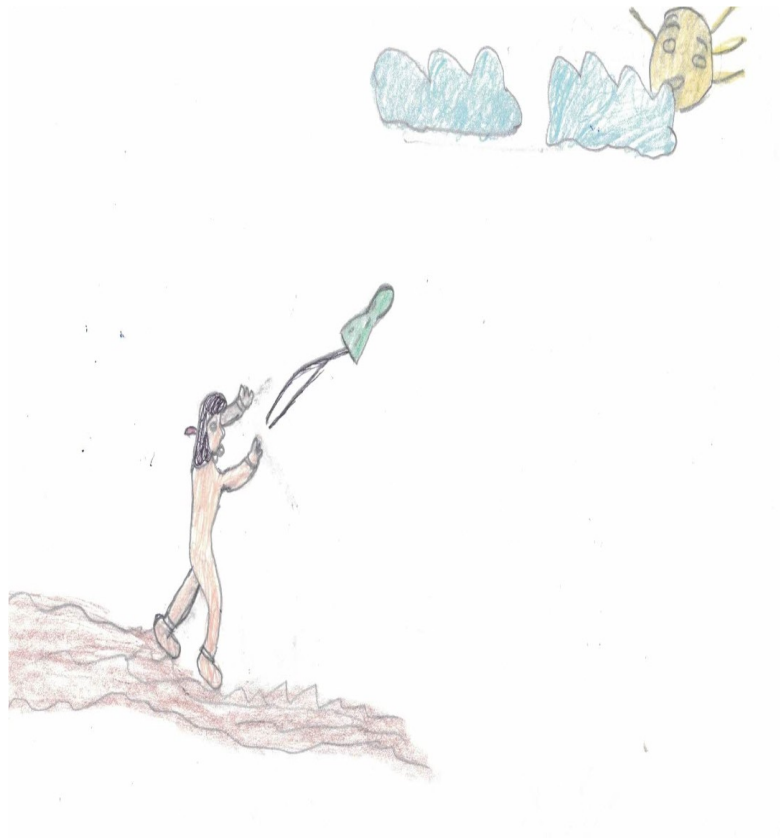
O menino aponta no sol para que sol diminua o calor do sol.

Ele faz isso de acordo com sua aprendizagem com os mais velhos.

Ele aponta pedindo que diminua o seu calor e ainda cuspe em direção ao sol, para esfriar.

Eles podem fazer em grupo ou sozinho.

Também pode usar um pedaço de pauzinho.



BODO

Watébrémi te tsuma titó botona
Ti te we boto u te tsuma wahoda
Óhã te tsuma i dama do o dzarina tedza
manha tedza tóptõ.
Te re manhãri dzara tsiwapsi niwabhãti
utsuime.
Wedehu na niwabhã tedza tóptõ.